

# João anuncia retomada de mais de 200 obras amanhã

Plano da retomada, novas licitações e ordens de serviço irão gerar um impacto de R\$ 798 milhões na economia da PB. [Página 3](#)

## Entrevista



Foto: Evandro Pereira/arquivo

### Fernando Moura avalia a FCJA no cotidiano do novo normal

Projetos, desafios e lições provocadas pelo novo coronavírus e o futuro da cultura são alguns dos tópicos abordados em entrevista exclusiva. [Página 4](#)

## Paraíba

### Sistema de cotas é caminho para redução da desigualdade

Cotistas relatam que enfrentam o preconceito de colegas e até de professores, mas reafirmam a importância do sistema para uma educação mais inclusiva. [Página 5](#)

## Almanaque



Foto: Reprodução

### O alcance mundial da arte de Pedro Américo

Paraibano nascido em Areia se tornou um dos artistas mais importantes do seu tempo e sua obra segue estudada em diversos países. [Página 17](#)



Agende sua doação no whatsapp do Hemocentro (83) 3133-3465 De segunda à sexta-feira das 8h às 16h



Foto: Divulgação

## Maturéia: a capital do voo livre na Paraíba

Lar do Pico do Jabre, ponto mais alto do Estado, a cidade possui grandes atrativos turísticos e suas riquezas naturais encantam pessoas do mundo inteiro. [Página 8](#)



Foto: Divulgação

### Vladimir Carvalho quer voltar ao universo de José Lins do Rego

Renomado documentarista paraibano revela que sonha em levar para as telas uma adaptação de 'Doidinho', um dos cinco romances do Ciclo da Cana-de-Açúcar. [Página 9](#)

## Esportes



Foto: Instagram/LigadoNordeste

Uma das maiores do país Presidente da Liga Nordeste, Eduardo Rocha avalia a importância da Copa Nordeste para a região. [Página 12](#)

## Diversidade

### UFPB tenta proteger preguiças do ataque de cães e gatos

Aproximadamente 500 animais domésticos já invadiram o campus, ameaçando os bichos-preguiça e outros animais que habitam a reserva florestal. [Página 13](#)



Foto: Divulgação



## Editorial

## "Novo Normal"

"Amanhã/ está toda esperança"... canta Guilherme Arantes, na música... "Amanhã". Um hino à esperança; à reconstrução do que foi destruído. Um salmo ao que hoje parecia impossível. Uma ode contra toda espécie de infortúnio, para mostrar que o engenho humano, quando motivado para o bem comum, supera adversidades das mais variadas procedências.

A pandemia do novo coronavírus nublou o horizonte da humanidade, instaurando o luto e o medo. Mas, como profetiza Nelson Cavaquinho e Elcio Soares, na canção "Juízo final", "o sol há de brilhar mais uma vez", sempre, para alumiar os corações desencorajados. É preciso seguir em frente, removendo obstáculos, construindo o mundo melhor que se quer.

A Paraíba, amanhã, dará outro passo significativo, no sentido de não se render ao pessimismo imposto pela situação de emergência em saúde, que complicou ainda mais o quadro econômico da Nação, flagilizado, também, pelos impasses de natureza institucional. Apostando em dias melhores, o Governo do Estado lança o "Plano Novo Normal Paraíba", para impulsionar a economia.

As obras paralisadas, no Estado, pela pandemia serão retomadas, novas ordens de serviço serão autorizadas e, coroando o projeto, serão anunciadas obras inéditas em todas as regiões da Paraíba. Os investimentos governamentais vão injetar aproximadamente R\$ 800 milhões na economia local, sendo que cerca de dois terços desse total são oriundos do tesouro estadual.

O plano de retomada, conforme noticiado ontem, envolve mais de 200 obras, cujos projetos foram subsidiados pelos estudos realizados pela equipe de gestão fiscal do governo, com vistas a cumprir dois objetivos basilares: melhorar a qualidade de vida da população e gerar emprego e renda. Emprego e renda, palavras que soam como música aos ouvidos de quem não os tem.

Ressalte-se que o programa de retomada da economia, na Paraíba, não se dá a toque de caixa, ou seja, não foi elaborado apenas para dar uma resposta qualquer a um contexto de crise. Os protocolos sanitários foram rigorosamente observados, para que as atividades sejam desenvolvidas com o mínimo de risco possível para os trabalhadores e trabalhadoras. Este é o caminho.

## Artigo

Sítônio Pinto  
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

## Na janela

Fazendo uma reescuta de "Esperando na janela", de Targino Gondim, dei de cara com o ensaio cosmogônico e teológico do paraibano Gilson Gondim. Sim, pois bem que podia ser, com um xote assinado lado a lado por Marinês, Jackson do Pandeiro, Biliu de Campina, Raymundo Asfora, Palmeira Guimarães, Glória Gadelha, Sivuca, Bráulio Tavares, Rosil Cavalcanti e outros – este irmão da bela e talentosa Clotilde Tavares, médica nas horas válidas. Pois Campina se dedica também a produzir mulheres bonitas, como a recente Miss Brasil, a escultural arquiteta Heloísa Pimentel.

Targino Gondim pode figurar como filósofo e teólogo, sem nenhum favor, em qualquer peripatos. Sua crítica das religiões, "Da Bíblia aos múltiplos universos" (Novo século), é livro que tem de estar presente na estante de todo interessado no estudo das religiões ou de sua negação. Ou, simplesmente, na estante de todo crente ou ateu. Como sou uma mistura

dos dois, a obra veio e calhar junto a meu agnosticismo. Só não sou ateu, crente e agnóstico 100%, porque li um pouco dos dissidentes dessas doutrinas, a exemplo de Chardin e Trotsky. Eu sabia que Doutor Pedro Gondim era um homem inteligente, mas não tanto para gerar um filho do porte intelectual de Gilson. Pois gerou. Se dúvida, surpreenda-se com a leitura do ensaio "Da Bíblia aos múltiplos universos". Ouvi dizer que o livro vai ser adotado como leitura de bordo da Nasa. Não é para menos, pois é uma obra que todo cosmonauta tem de ler. Ou todo candidato a defunto, como é o nosso caso. Se São Pedro quiser criar alguma dificuldade comigo, vou me valer da cartilha de Gilson – que já recomendei colocassem na minha urna funerária para eu ler na eternidade.

Mas nem só de Doutor Pedro foi feito o tutano de Gilson. Eu seria machista se olvidasse

a participação da genitora de nosso filósofo, a também Doutora Dona Sílvia Gondim. Conheci ainda o lado materno-materno dos Gondins, pois fui colega de classe da multi-instrumentista Salete Gondim – meu primeiro amor. O que tinha de bonita, tinha de inteligente. Salete brilhou no curso Clássico do Liceu Paraibano, e ainda encontrava tempo para o esporte e o Grêmio Literário Gama e Melo, que animava e encantava com sua voz de sereia.

Na campanha para a eleição de presidente da república, disputada por Serra e Lula, o candidato da direita, Serra, noticiou na revista Veja, em ampla reportagem, de várias páginas e todas as cores, que era engenheiro civil e economista. Mas os diplomas de Serra nunca apareceram. O fato motivou manifestação do Sindicato dos Economistas da Paraíba e dos Engenheiros a Paraíba, mas o "doutor" Serra jamais mostrou sua documentação. Porém, calou-se durante o resto da campanha quanto à sua titularidade.

Há pessoas que têm a cara-de-pau de fazer currículo acadêmico sem diploma. Não é o caso de Targino Gondim, o compositor que está encantando as festas juninas do Nordeste com sua música de autêntico pé-de-serra, da melhor de qualidade.

Targino tem um xote – "Esperando na janela" – que não fica a dever aos melhores do gênero, nem aos de Beethoven. Sei que você sabe, mas vou só relembrar. Ludwig van Beethoven foi um dos maiores criadores de "schotisches" do planeta, mais de cem. Ele vendia as peças para um editor escocês. Um sucesso, e assim o xote chegou até Targino Gondim. No ano de 1851, o xote das meninas desembarcou no Rio de Janeiro, trazido por um professor de dança Francês. Não me sacrifique agora, depois eu digo o nome do cara.

## Artigo

Martinho Moreira Franco  
martinhomoreirafrauco46@gmail.com

## Nem tudo está perdido

As coisas, positivamente, não se transformaram em passe de mágica. Entre quinta e sexta-feira passadas, no entanto, houve alguma mudança da água para o vinho. E quem achara 2020 perdido ("O ano que já terminou"), verificou com alívio e observou com emoção que o diabo talvez não seja tão feio como se pinta. Ao menos diante de um fato surpreendente e de uma cena comovedora que constatei de um dia para o outro. Vamos por partes?

O fato: dados do ministério da Saúde informavam que 826.866 pessoas já se curaram do coronavírus

desde o início da pandemia no Brasil. Há cerca de 1 milhão de curados, portanto. Ressalve-se que o país já registrava, até a quinta-feira, 2 de junho, 1.448.753 casos da covid-19, sendo que 561.255 seguiam em acompanhamento. No mínimo, preocupante. A certa altura, porém, já tinham se recuperado mais de 100 mil pacientes com a doença em apenas cinco dias. Por fim, segundo o site UOL, o boletim então divulgado pelo MS mostrava diminuição no ritmo de novas mortes causadas pelo coronavírus no Brasil. Não é o melhor dos mundos, claro, mas como números assim não costumam figurar no noticiário, deu para perceber que cabe relativo otimismo em meio ao pessimismo alastrado usualmente por parte da mídia.

A cena: o som instrumental de uma música de teor religioso espalhou-se de repente pela praça em frente ao apartamento onde moro. Intercalado por mensagens de fé e

de esperança ditadas por um anônimo e solitário pregador. Não era um instrumentista, não tocava saxofone nem trompete. Era um senhor de idade que empurrava lentamente um tosco carrinho de mão de duas rodas (tipo aqueles que transportam volumes de passageiros em aeroporto) sobre o qual se fixava uma caixa de som. Emocionado, aplaudi da varanda. O pregador solitário agradeceu. Era meio dia em ponto, mas uma névoa imaginária se sobrepunha à visão daquele décor bafejado por um sopro de encantamento. Flutuava no ar apenas

/// Ao menos diante de um fato surpreendente e de uma cena comovedora que constatei de um dia para o outro. ///

nas a melodia, mas, sob sol a pino, a letra da canção "Noites traiçoeiras" deslizou suavemente sobre meu peito:

Deus está aqui neste momento/ Sua presença é real em meu viver./ Entregue sua vida e seus problemas/ Fale com Deus, Ele vai ajudar você./ Deus te trouxe

aqui/ Para aliviar teu sofrimento/ É Ele o autor da Fé/ Do Princípio ao Fim/ Em todos os seus tormentos./ E ainda se vier noites traiçoeiras/ Se a cruz pesada for/ Cristo estará contigo/ O mundo pode até fazer você chorar/ Mas Deus te quer sorrindo./ Seja qual for o seu problema/ Fale com Deus, Ele vai ajudar você/ Após a dor, vem a alegria/ Pois Deus é amor e não te deixará sofrer./ E ainda se vier noites traiçoeiras/ Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo/ O mundo pode até fazer você chorar/ Mas Deus te quer sorrindo.

- Nem tudo está perdido... - a voz de um anjo pareceu sussurrar ao meu ouvido em certo momento.

Domingos Sávio  
savio\_fel@hotmail.com

## Humor

## MORTE DE ELEFANTES NA AFRICA...



## SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSAAiblego Léa Fernandes  
DIRETORA DE RÁDIO E TVA UNIÃO  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferreira  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /  
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$200,00 / Semestral ..... R\$100,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:  
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



# Governador anuncia amanhã plano de retomada de obras

Investimentos envolvem mais de 200 projetos em toda a Paraíba e vão gerar impacto de R\$ 798 milhões na economia

O governador João Azevêdo anuncia amanhã, às 10h, por meio de transmissão ao vivo em seus perfis oficiais e nas páginas oficiais do Governo da Paraíba no YouTube e Facebook, o plano de retomada de obras no Estado que precisaram ser suspensas em virtude da pandemia do coronavírus. Além disso, serão autorizadas ordens de serviço e anunciadas novas obras em todas as regiões da Paraíba.

Os investimentos irão gerar um impacto de R\$ 798 milhões na economia, sendo R\$ 601 milhões de recursos oriundos do Tesouro Estadual e R\$ 197 milhões do Governo Federal.

O plano de retomada envolve mais de 200 obras e foi viabilizado após estudos realizados com a equipe de gestão fiscal do governo. O objetivo é impulsionar a economia e a geração de emprego e renda no Estado, após a instituição do 'Plano Novo Normal Paraíba', que permitiu a retomada das atividades da construção civil, observando os protocolos específicos do setor e todas as normas de distanciamento social para evitar a propagação do coronavírus.

"Esse é um grande esforço realizado pela nossa equipe para que possamos retomar, pelo menos, parcialmente, a economia do Estado, fazendo com que as condições de emprego sejam restabelecidas nas mais diversas regiões", explicou o governador.

**João Azevêdo também fará o anúncio de novas obras, além de autorizar ordens de serviços**



Foto: Secom/PB

O governador João Azevêdo fala amanhã, a partir das 10 horas, sobre as obras que serão retomadas em todo o Estado, por meio de transmissão ao vivo em seus perfis oficiais e nas páginas oficiais do governo da Paraíba no YouTube e Facebook

## 'Língua presa'

### Frei Damião faz procedimento de correção

A Maternidade Frei Damião, em João Pessoa, que integra a rede hospitalar do Estado, iniciou na última sexta-feira o procedimento para a correção da "língua presa", chamado frenotomia. Esse problema é detectado logo que a criança nasce, durante a triagem neonatal. Devido o problema, as crianças podem ter dificuldades para sugar o leite e até de falar. O procedimento, que dura menos de cinco minutos, será agendado e acontecerá sempre às sextas-feiras no ambulatório da maternidade.

Quatro bebês foram submetidos ao procedimento realizado no ambulatório da maternidade pela médica neonatologista Janine Figueiredo e acompanhados pela fonoaudióloga Milene Trigueiro Pereira da Nóbrega, responsável técnica pelo Serviço de Fonoaudiologia da Frei Damião.

"A nossa preocupação com o binômio 'mãe-bebê' sempre será uma constante aqui na maternidade. Temos profissionais qualificados e o serviço tem sido aprimorado a todo momento. Tanto a mãe quanto o bebê são avaliados de forma

criterosa e, se for detectado qualquer problema, temos profissionais que vão cuidar de cada um deles, de acordo com a sua área específica", afirmou a diretora geral, Selda Gomes.

Um dos pacientes foi Asaphe Graciél, que tem pouco mais de 20 dias de vida. A mãe dele, Gracielle Trajano Soares Marinho, que mora na Ilha do Bispo, em João Pessoa, contou que ficou com medo quando o problema foi descoberto, mas quando soube que ele seria resolvido com um pequeno procedimento cirúrgico ficou mais aliviada.

"Agora estou mais tranquila" afirmou.

Marília de Fátima Santos, que mora em Cruz das Armas, também trouxe o seu filho Emanuel Messias, de três meses, para ser submetido ao procedimento. "Fiquei nervosa no momento do procedimento, mas agora estou mais tranquila ao saber que ele terá uma vida normal", comemorou.

Devido à "língua presa", o pequeno Lorenzo Samuel, de apenas 3 meses, já estava com problemas na hora de pegar o peito e sugar o leite, conforme explicou a mãe, Sara Nymara

Zaneti, que mora em Cruz das Armas. O bebê também passou pelo procedimento e terá uma vida normal a partir de agora.

A médica neonatologista Janine Figueiredo explicou que tanto a "língua presa" como os testes da Orelhinha, do Pezinho, do Coraçõzinho e do Olhinho fazem parte da triagem neonatal. No caso da "língua presa", ela explicou que o tratamento é indolor até o quarto mês de vida do bebê, mas passando desse tempo requer outros cuidados. Ela disse ainda que o problema atinge entre 3,5 e 5% dos bebês.

## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

### PROPOSTA SOBRE FIM DO FORO PRIVILEGIADO VOLTA À TONA E DEBATE SERÁ RETOMADO PELO CONGRESSO



Foto: Divulgação

Um tema que protagonizou os debates no Congresso Nacional, em 2018, voltou à tona esta semana, durante sessão remota do Senado: o fim do foro privilegiado por prerrogativa de função – aliás, foi o próprio autor da PEC que determina a extinção do foro especial de julgamento para autoridades dos três poderes e do Ministério Público, senador Álvaro Dias (Podemos), quem mencionou a demora da Câmara dos Deputados em pôr a matéria para apreciação do plenário – a proposta foi aprovada pelo Senado em maio de 2017 e, logo após, foi enviada à Câmara dos Deputados, onde foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça e pela Comissão Especial formada para proferir parecer sobre a PEC (nº 222/2017), cujo relator foi o deputado Efraim Filho (foto). Em longo parecer – pode ser acessado neste endereço: [www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1701389&filename=Parecer-Aprovacao-PEC33317-11-12-2018](http://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1701389&filename=Parecer-Aprovacao-PEC33317-11-12-2018) –, o deputado paraibano ofereceu voto pela aprovação da PEC, afirmando que "o Parlamento brasileiro tem a oportunidade de promover mudanças constitucionais imprescindíveis para que nos tornemos efetivamente um país livre de privilégios que motivem a impunidade". A PEC preserva o foro privilegiado apenas para os presidentes da República, da Câmara, do Senado e do Supremo Tribunal Federal (STF).

#### MAIS DE 50 MIL

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, correligionário de Efraim Filho, prometeu pautar a votação da PEC do foro privilegiado no início deste ano, o que não ocorreu. Caso o texto original seja aprovado, perderão o privilégio mais de 50 mil autoridades, entre as quais políticos, ministros, juizes e procuradores, que passariam a ser julgados em primeira instância.

#### NÃO GARANTE LEGENDA

Pré-candidato a prefeito de João Pessoa, João Almeida (Solidariedade) declarou, semana passada, que não pretende voltar mais à condição de vereador e que vai se dedicar, exclusivamente, às demandas do processo eleitoral. Contudo, o presidente do seu partido, Manoel Júnior, não garante que a legenda vai abraçar essa causa.

#### CONVERSAS COM O PSDB

Manoel Júnior, que diz pré-candidato em Pedras de Fogo, município do qual já foi prefeito por dois mandatos, afirmou que "João Almeida é candidato a reeleição para vereador", embora esteja com o seu nome "colocado para a maioria". E também confirmou que o Solidariedade está com conversas avançadas com Ruy Carneiro (PSDB), pré-candidato na capital.

#### EXTENSÃO DA VALIDADE

O Senado deverá emitir parecer nesta próxima semana – a relatoria é de José Maranhão (MDB) – sobre o projeto que determina a extensão da validade do receituário médico e odontológico enquanto estiverem em vigência as medidas de isolamento para a contenção da covid-19. A ideia é evitar que pacientes tenham de se deslocar às clínicas para atualizar o receituário.

#### AEROPORTO DE PATOS

Do deputado federal Hugo Motta (Republicanos), referindo-se ao montante a ser investido na construção do Aeroporto Regional de Patos, no Sertão paraibano: "Serão R\$ 35,8 milhões dos Governos Federal e Estadual", afirmou. De acordo com o parlamentar, já existem R\$ 4 milhões assegurados para que as obras sejam iniciadas.

#### VENEZIANO ASSEGURA APOIO A WILSON FILHO SE ELE FOR CANDIDATO: "PALAVRA EMPENHADA"

O deputado federal Efraim Filho (Democratas) confirma que conversou com Veneziano Vidal do Rêgo (PSB), no que tange ao apoio do deputado e do senador à pré-candidatura de Raoni Mendes em João Pessoa. Veneziano, porém, voltou a dizer que caso Wilson Filho mantenha sua candidatura na capital, seu apoio e o do Podemos será para o petebista: "Palavra empenhada".



Fernando Moura,  
Presidente da Fundação Casa de José Américo

# “A cultura não permite que as coisas sejam esquecidas”

Digitalização do acervo, projetos durante a pandemia, a importância da cultura e a defesa da educação são temas da entrevista

**Iluska Cavalcanti**  
cavalcanteiluska@gmail.com

O futuro cultural da Paraíba, desafios e ensinamentos da pandemia, além de novos projetos foram os principais temas da entrevista concedida pelo jornalista, escritor, compositor e atual presidente da Fundação Casa José Américo, Fernando Moura, ao Jornal A União.

Além disso, Fernando Moura trouxe diversas novidades que serão realizadas ainda este ano na FCJA. Entre elas, o projeto Digitalih, que tem o objetivo de digitalizar todo o acervo encontrado no museu. A ideia, que surgiu antes do período de pandemia, possibilitou com que a Fundação estivesse preparada para o momento atual. Em decorrência disso, foi criado o projeto ciclo de debates “História Cultural da Paraíba”, que durante a quarentena se tornou um dos principais programas virtuais sobre o tema.

O renomado escritor, que também é poeta conseguiu trazer um olhar diferente, sensível e cheio de esperança sobre um momento tão difícil em que todo o mundo está vivendo. Sempre olhando para o futuro, Fernando acredita que a cultura pode ser essencial na sobrevivência de um povo.

## A entrevista

**Um dos projetos virtuais realizados pela Fundação Casa José Américo nesse período de pandemia é ciclo de debates “História Cultural da Paraíba”, que tem feito muito sucesso. Como tem sido realizar projetos culturais mesmo nesse período de isolamento social?**

■ Nós tínhamos tido a ideia antes do período de pandemia e aproveitamos a pandemia para realizar de forma virtual, dentro desse conhecimento de memória. A coisa deu tão certo que a gente já vai fazer outro em setembro, em torno do tema da democracia. O que é, de onde vem, para onde vai, que tipo de necessidade a democracia tem, que encaminhamentos, leituras que as pessoas fazem, aproveitando setembro, a comemoração da independência. Vamos fazer virtual, até porque essa virtualidade nunca mais vai sair das nossas vidas, não tem mais retorno.

**Apesar do isolamento social ter sido um problema para tanta gente, a Fundação conseguiu usar isso ao seu favor e se reinventar a partir da tecnologia. Quais serão os próximos passos?**

■ A gente precisa chegar perto do público com o que está sendo feito. Se não, não adiantaria a gente ter um acervo. Seria para quê? Para guardar? Lá não é baú. O novo normal da Fundação passa justamente por esse ciclo de debates. Está sendo um exercício, tem sido boa, consequentemente a gente vai encaminhar nesta linha virtual. Em janeiro a gente tinha iniciado um programa chamado Digitalih (digitalização de informações históricas), em parceria com a Secretaria de Educação. A intenção é digitalizar tudo que tem de relevante lá dentro e, a partir disso você ter a visita via internet.

**Como surgiu a ideia de aproximar o acervo da Fundação da população, através da internet?**

■ A gente já imaginava que essa era a melhor forma de você chegar ao público mais jovem. Porque daqui a pouco o público, não só da fundação, mas pesquisadores de uma maneira em geral,

vai estar preocupantemente reduzido, porque as pessoas vão envelhecendo e desaparecendo. As pessoas não vão mais aos museus, vão numa quantidade menor que iam há um tempo atrás. Porque a tecnologia chegou para diminuir os espaços e distâncias entre esses caminhos. Se a população mais jovem está 100% na internet consequentemente a gente tem que estar também.

/// **A gente precisa chegar perto do público com o que está sendo feito. Se não, não adiantaria a gente ter um acervo. Seria para quê? Para guardar? Lá não é baú. //**

**Se esse projeto digital teve início antes do período de pandemia, então aderir aos meios virtuais não tem sido uma dificuldade para vocês. Como o fato de vocês estarem um passo à frente, em um momento tão difícil como o que estamos vivendo, tem ajudado a Fundação?**

■ Quando começou a pandemia começamos a ver que isso é mais do que uma necessidade, mas uma forma de sobrevivência. Não nos pegou de calças curtas, estamos no meio do caminho do projeto. Acredito que até o fim do ano a gente vai estar com toda a roupagem técnica administrativa. A primeira coisa que a gente fez foi conversar com a Codata e expandir a nossa capacidade de circulação de dados de internet. Isso tudo vai ser construído com os especialistas na área para que a gente tenha um formato, já que não existe uma referência anterior. Não temos uma pandemia histórica para projetar o futuro. Como a gente não tem, a gente vai ter que executar agora para poder se sair minimamente bem. Mas pela mínima experiência que temos, o futuro está no campo digital, mas sem perder a noção da realidade, se não, não adianta de nada tudo isso.

**Quais são as outras novidades preparadas para o futuro da Fundação?**

■ Eu cheguei um pouco antes da pandemia, mas a gente já fez coi-

/// **Seja qual for a sua estratégia, ela passa pelo processo de educação. Se você começa a investir hoje na meninada, na juventude, você começa a ter pelo menos um horizonte. //**



sas bem interessantes de dezembro para cá. Vamos entrar em uma reforma agora e toda a questão de acessibilidade será resolvida. Vamos colocar elevador, adequando tudo a uma exigência da sociedade que é a acessibilidade. Tudo dentro do possível do que as autoridades de segurança definirem, além de ter tudo liberado via internet. Porque se não for assim, não só a Fundação, mas qualquer outro órgão que tenha essa roupagem de guardião da memória vai ter que se adequar a essa nova situação sob pena de se perder no tempo e desperdiçar fontes importantes da história.

**A cultura é um dos bens mais importantes e ricos da Paraíba. Como ela contribuiu para o crescimento do Estado no decorrer dos anos?**

■ Vamos imaginar nesse momento de pandemia que uma das características do vírus fosse apagar a memória das pessoas. Imagine milhões de pessoas nesse momento sem saber quem são. Qual a perspectiva dessa civilização? A extinção. Porque você não tem como se projetar, não tem referências. O conhecimento histórico traz todo esse cardápio de referências. A cultura não permite que

as coisas sejam esquecidas. Tudo é cultura, se você escutar uma música hoje e em cinco anos escutá-la de novo, você vai se lembrar da situação em que aquela música se remeteu. Isso é memória viva. A cultura é a nossa essência, o espírito do ser humano.

**Como continuar investindo na cultura, mantendo-a viva, mesmo diante de tantos problemas econômicos atuais e que provavelmente virão, no período pós pandemia?**

■ Esse não é um trabalho que se faça de um dia para a noite. É um processo, que começou de alguma forma, e estamos passando por ele. Seja qual for a sua estratégia, ela passa pelo processo de educação. Se você começa a investir hoje na meninada, na juventude, você começa a ter pelo menos um horizonte. Eu sei que em alguns anos vou ter um volume populacional específico que vai permitir aquilo que precisa circular. É a arte, porque é aquilo que temos de mais pulsante e relevante, principalmente aqui na Paraíba. Se você pegar, por exemplo, a nossa música, nós temos uma fonte musical impressionante. É muita gente, gente do passado, do passado recente, da

atualidade e gente que está chegando para ocupar um espaço que nunca ficou vazio.

/// **É um olhar muito semelhante ao de todo mundo, é um olhar de temor. Se a gente não se amedrontar com essa situação, as lições da pandemia que a natureza está nos dando não vão adiantar de nada. //**

**Ao escritor e poeta Fernando Moura, qual é o seu olhar diante de tudo o que a humanidade está vivenciando neste momento?**

■ É um olhar muito semelhante ao de todo mundo, é um olhar de temor. Se a gente não se amedrontar com essa situação, as lições da pandemia que a natureza

está nos dando não vão adiantar de nada. É como se um pai ou uma mãe chamasse a atenção do seu filho, colocando de castigo ou algo assim. Se a criança não absorver aquilo, não vai adiantar de nada. A natureza está nos dando um recado, dizendo ‘olhe, tome tento que vocês estão colocando o planeta a perder’. Isso é uma reação da natureza que logicamente tem influência no psicológico, no fazer artístico, nos ofícios, nas economias, então tem um reflexo em tudo, claro. Fundamentalmente, ela tem que ter um reflexo de mudanças comportamentais no espírito humano. Se não houver essa reeducação da humanidade sobre a própria humanidade, nada disso terá valido a pena.





Foto: Divulgação

# Sistema de cotas é fundamental para educação inclusiva

Estudantes relatam como ações afirmativas foram determinantes em suas vidas

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeirelesjp@gmail.com

“Algumas vezes, senti vontade de me trancar no banheiro e chorar. Às vezes, a gente cansa de ser forte”. O depoimento emocionado é de Uliana Gomes, doutoranda em Antropologia e formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ativista do movimento de mulheres negras, ela só conseguiu ter acesso ao ensino superior através do sistema de cotas porque sua base, em escola pública localizada no Sítio Lagoa do Gonçalves, zona rural do município de Pilar, a 57 km de João Pessoa, não permitiu o acesso pela livre concorrência.

“Ouvi piadinhas de pessoas dizendo que sou inteligente e não precisava usar cotas. Até professores questionaram se queria fazer o curso”

A escola ficava perto de casa, mas era tão precária que, para uma turma de quase 30 alunos só dispunha de nove cadeiras. A fila se formava bem cedo para poder sentar numa delas, sem contar que duas turmas dividiam o mesmo espaço. Quem não conseguia lugar, sentava nas embalagens da merenda e usava uma lata para, sobre ela, apoiar o material. “Como disputar com igualdade uma vaga na universidade com alguém que sempre teve uma escola de qualidade estrutural?”, questionou.

Ter acesso à UFPB foi a realização de um sonho,



Foto: Arquivo Pessoal

Doutoranda em Antropologia, Uliana Gomes é fruto do sistema de cotas

mas ela percebeu que permanecer no espaço acadêmico lhe exigiria nervos de aço. “Sofri discriminação de colegas, ouvi piadinhas de pessoas dizendo que sou inteligente e não precisava usar as cotas. Até professores questionaram se eu realmente queria fazer o curso, que eu me daria melhor num curso técnico, que ali não era o meu lugar. Não é um espaço fácil, mas é necessário e de lá não pretendo sair. É muito difícil e doloroso, porque o racismo institucional está ali o tempo todo”, disse ela, que pretende ser profes-

sa universitária.

“É triste e preocupante ver as pessoas questionando as cotas. Não é favor e nem é esmola, mas uma medida de reparação social. Como dizer que para entrar basta estudar tantas horas do dia se eu tenho que trabalhar, pegar ônibus lotado, passar horas para chegar na escola ou ir a pé porque falta dinheiro para a passagem? Como falar que o sistema de cotas não é necessário? Nós, população negra, lutamos para ter a oportunidade de escolhermos o que queremos ser”.



## Postura eurocêntrica predomina

Embora de forma implícita, estudantes negros continuam sendo vistos como inferiores e incapazes nas universidades, e esse tratamento não vem só de alguns colegas de turma, mas também de professores. A estudante Emanuelle Costa Carvalho está no terceiro período do curso de Pedagogia e teve garantido o direito a uma vaga pelo sistema de cotas. Porém, apesar do pouco tempo na instituição, relatou ter sentido na pele o preconceito escondido nos comentários de professores e alunos de cursos ‘elitizados’ como Medicina, Direito e alguns das Engenharias.

“Esse posicionamento vem da cultura colonialista e eurocêntrica, onde o povo preto é visto como inferior e incapaz. Por isso, rebaixam o sistema de cotas a ‘vitimismo’ e ‘excludente’. Coisas da ‘branquitude’ que sente seus privilégios ameaçados com nossa capacidade e inteligência. Não é o sistema de cotas que vai medir nosso nível de capacidade de estar ou não nas universidades ou em qualquer espaço. As cotas estão aí para que possamos ter oportunidade e perspectiva de acesso”, argumentou.

Para ela, as cotas são fundamentais como meio de reparação histórica com a população negra e indígena. “É preciso questionar a ausência do povo negro, que é maioria na sociedade, nas universidades e nos espaços de poder e destaque. As cotas são uma forma de reparação que está longe de ser alcançada. São necessárias muito mais políticas públicas de igualdade racial e ações afirmativas”, opinou Emanuelle.

Foto: Arquivo pessoal



Emanuelle Costa: branquitude se sente ameaçada

### DADOS

#### Paraíba – 2018 – acesso às IES pelo sistema de cotas

- 30.939 beneficiados pelas cotas
- 28.925 deles provenientes de escola pública
- 15.036 pela etnia
- 945 com deficiência
- 12.447 pelo caráter social/renda familiar
- 1.523 por outros programas.

#### Brasil

- 626.654 foram beneficiados pelo Programa de Reserva de Vaga em 2018. Destes, 528.947 procedentes de escola pública; 300.854 pela etnia; 6.449 por pessoas com deficiência; 229.802 pelo aspecto social/renda familiar; 13.981 via outros programas.

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)/Censo da Educação Superior 2018/Programa de Reserva de Vaga.

## ‘Cota não é esmola’, enfatiza canção

A cantora mineira, Bia Ferreira (foto ao lado), compôs a letra e música “Cota não é esmola” em 2011. A canção se tornou uma referência em defesa e luta por um sistema mais igualitário e justo na educação. A canção também propõe várias questões sobre a exclusão da população negra.

“E nem venha me dizer que isso é vitimismo, hein Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo Existe muita coisa que não te disseram na escola Eu disse cota não é esmola”



Confira o vídeo da música “Cota não é esmola” no QR Code acima



Foto: Divulgação



# Cotas abrem portas para povos negros e indígenas



Ato do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, pode ser interpretado como revanche contra as conquistas sociais

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Recentemente, pouco antes de deixar o Ministério da Educação (MEC), o ex-ministro Abraham Weintraub extinguiu as normas que estabeleciam cotas raciais nos cursos de pós-graduação. Após a polêmica, o MEC revogou a decisão e os direitos permanecem garantidos, mas a medida foi um choque.

“É uma coisa extremamente triste ver um ministro já saindo, tomando um último ato como se fosse uma revanche contra a população negra. Eu nunca tinha visto um negócio desse. Foi uma demonstração pública de desprezo pela população afrodescendente do nosso país. É como se ele expressasse todo o ódio a essas políticas de inclusão”, disse Luiz de Sousa Júnior, coordenador dos programas de pós-graduação profissionais junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Para ele, foi doloroso constatar que ainda existem gestores que pensam dessa forma. “É um gestor que ainda acredita que a população afrodescendente e aqueles que são potenciais beneficiários de políticas de cotas não teriam direito nenhum a qualquer tipo de reparação social e algum tipo de ação estatal ou pública para melhoria de suas condições de vida”, disse.

E acrescentou: “Isso mostra a necessidade de, mais uma vez, a gente retomar o debate acerca das políticas de inclusão social, do bem comum, do respeito, da tolerância e do apreço às minorias e àquela parcela da comunidade que historicamente foi subjugada no passado”, acrescentou.

#### As cotas

As cotas foram criadas no início dos anos 2000. Depois, foram incorporadas as cotas raciais, mas também sociais, sobretudo de alunos provenientes de escolas

públicas. “São destinadas a afrodescendentes e não há um critério científico para formular isso. Então, se optou pela autoafirmação. Claro que isso pode ser sujeito a contestações, mas no geral isso não tem acontecido”, disse o especialista em educação Luiz de Sousa Júnior.

Elas estão presentes nas universidades, nos cursos de graduação. Nas universidades privadas, inclusive através de programas como o Prouni, e no caso das públicas já constando nos seus sistemas de acesso.

“Essas cotas definem uma quantidade mínima, mas é bom que se diga que esses alunos que entram, mesmo sendo cotistas, eles são os melhores, digamos assim, do seu entorno, são os melhores da escola pública porque eles superam muitas barreiras. É tanto que o desempenho deles já dentro da universidade, a maioria das pesquisas aponta que é igual ou superior ao dos não cotistas. Isso demonstra que a política tem retorno”, completou.

Foto: Arquivo Pessoal



Para o especialista Luiz de Sousa, fica evidente o debate sobre políticas de inclusão social

## + Sistema cotista é o Brasil reconhecendo que duas etnias foram prejudicadas

Quem é contra as cotas raciais alega que o aluno beneficiado por elas não tem capacidade intelectual para ter acesso a uma universidade, que só entrou porque contou com essa ‘mãozinha’ e que estaria ocupando o espaço de quem realmente tem conhecimento para garantir a vaga. Por outro lado, especialistas em educação defendem que

as cotas são uma reparação à discriminação cometida no passado, assegurando aos negros, indígenas e alunos de escolas públicas o direito ao conhecimento.

“Eu sou um defensor das cotas para negros e índios. É o estado brasileiro e as universidades do Brasil reconhecendo que existe uma diversidade racial no país e que

pelo menos duas delas foram prejudicadas”, declarou o diretor do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Wilson Aragão. O CE foi o primeiro, entre os 14 centros da instituição, a aprovar as cotas para afro-brasileiros.

As primeiras cotas da Paraíba, segundo ele, foram para filhos de proprietários de terra e criadores de gado nos campi de Areia e Bananeiras. Antes das cotas, a maioria das vagas na universidade pública era preenchida pelos estudantes de escolas privadas. “Então, o que foi pensado? Estabelecer cotas sociais para assegurar o acesso aos alunos oriundos da escola pública e, ao mesmo tempo, para os afro-brasileiros e, em seguida, para a população indígena. Imagine os donos da terra do Brasil, que foi invadido pelos portugueses, não terem direito à educação”, observou.

#### Racistas sob disfarce

“Alguns racistas são contra cotas. Até dizem que não o são. Disfarçam o argumento com a retórica de que as pessoas

beneficiadas pelas cotas não têm capacidade de entrar na universidade ou numa pós-graduação”, afirmou Wilson Aragão, diretor do Centro de Educação da UFPB.

Para ele, preconceituosos veem afrodescendentes como filhos de escravos e acreditam que, por isso, têm que estudar muito mais do que as que estão de acordo com o perfil da moda da sociedade. “Tudo na vida é uma questão de oportunidade”, resumiu, e citou seu próprio exemplo.

“Estudei a vida toda em escola pública, mas dei sorte de ter a professora Marli, lá no (Colégio) Zulmira de Novais, que me ensinou, que insistiu, minha mãe e meu pai que me educaram. Se hoje sou professor titular da UFPB, cheguei no último nível da carreira, sou diretor do Centro de Educação vindo de escola pública, é porque muitos professores me educaram, trabalharam, não por conta da cor da minha pele, não porque eu era alto, mas porque acreditaram em mim como ser humano”, relatou.

#### ÚLTIMO ATO

No dia 18 de junho, o então ministro da Educação, Abraham Weintraub, foi demitido do cargo. Como último ato, a portaria 2016, que permite a política de cotas raciais para cursos de pós-graduação, considerada uma grande conquista dos movimentos sociais, foi revogada por ele. O assunto foi motivo de severas críticas. No dia 23 de junho, o Ministério de Educação tornou sem efeito a decisão assinada pelo ex-ministro, que viajou para Miami (EUA).



Foto: Agência Brasil

Ex-ministro Abraham Weintraub está, agora, nos Estados Unidos



Wilson Aragão: há um racismo disfarçado naqueles que são contra o sistema de cotas





Sarah Duarte e Ítalo Gabriel optaram pelo distanciamento social para se precaver do novo coronavírus. Decisão mais do que acertada, já que a moça terminou testando positivo para a doença e evitou que o namorado fosse contaminado

# Separados pela pandemia, casais contam com internet

Com a covid-19 e as regras de distanciamento social, muitos casais tiveram que readaptar seus relacionamentos

**Laura Luna**  
lauraragao@gmail.com

Sarah Duarte, 25, está morrendo de saudades do namorado Ítalo Gabriel Pereira, 20. É a primeira vez que o casal se 'separa' em dois anos e cinco meses de namoro. Já são mais de 40 dias afastados, pelo menos fisicamente, porque o casal se fala o tempo todo. "Nos ligamos o dia todo e à noite a gente costuma fazer chamada de vídeo. Também estamos sempre nos comunicando via whatsapp".

O relacionamento teve que ser adaptado aos novos tempos e está bem diferente do que costumava ser. "Ele faz faculdade do lado da mi-

nha casa e sempre vinha me dar um beijinho. No final de semana sempre estávamos juntos", lembra Sarah, a responsável pela decisão do afastamento. A entrevistada conta que depois da viagem que fizeram em março, para comemorar o aniversário de Ítalo, achou por bem optar pelo cuidado mais intensivo, digamos assim, já que o namorado faz parte do grupo de risco para a covid-19. "Ele achava que só indo da casa dele para a minha não pegava a doença e como ele tem problema respiratório, decidi que cumpriríamos o isolamento com todos os cuidados necessários".

E desde o dia 2 de maio está cada um na sua casa.

Decisão acertada já que Sarah contraiu a covid no final do mês. "Acredito que possa ter pego do meu irmão que continua saindo de casa para trabalhar". A arquiteta e urbanista conta que teve febre, dores no corpo, enxaqueca e perda de olfato e paladar, mas que já está bem. Ainda assim o casal segue no isolamento. "Eu até já posso voltar à vida normal, segundo o médico, mas eu e Ítalo optamos por nos encontrar só quando voltar à rotina". Uma verdadeira prova de amor, em tempos de pandemia. Afinal de contas estar longe nesse momento significa proteger quem ama. "Sinto muita falta dele e do meu cunhado de 12 anos que é

meu grude quando estou lá". Mas se por um lado a saudade aperta, por outro Sarah reconhece que a distância forçada pela pandemia uniu ainda mais o casal. "Antes do isolamento estávamos meio que brigados por motivos bobos e o fato de estarmos conversando sempre nos uniu mais".

Quando tudo passar e o casal de reencontrar vai ser diferente. Sarah garante que não tem como atravessar um período tão específico e tão delicado sem tirar dele algumas lições, inclusive para o relacionamento. "Vamos valorizar cada minuto juntos e fazer de tudo para que esses momentos aconteçam sempre".

## + Sentimento de solidão

A psicóloga Carla Suany acredita que o distanciamento social, decorrente da pandemia, de fato tornou-se um grande desafio para os casais apaixonados. "A principal queixa é a angústia produzida pela falta da presença física que acabou intensificando sentimentos de solidão, carência, saudade, desejo e vários outros acumulados".

Mas a especialista afirma que reduzir o relacionamento apenas à presença física é um grande erro, seja em tempos de pandemia ou não. "O momento é de distanciamento social e não de isolamento social, ou seja, podemos estar distantes uns dos outros porém, nos relacionando plenamente". Carla vai além e sugere que os namorados aproveitem o momento para estreitar os laços. "Usem a internet a favor, busquem jeitos novos e criativos de conversarem e estarem juntos, treinem a escuta e a fala, combatendo o principal vilão dos relacionamentos que é a falha na comunicação. Afinal, nada como uma boa saudade para lembrar o que é importante e apimentar a relação".

A psicóloga sugere ainda a autorreflexão e orienta aos casais que tirem o foco do momento de dificuldade e pensem no futuro. "Aproveite esse tempo para realizar um exame de consciência e cuidar de si, repensando comportamentos e atitudes que interferem na relação e descobrindo novas maneiras de ser e estar com o outro. Declare o seu amor, identifique e expresse com liberdade o que sente, relembrem bons momentos juntos e façam planos para quando a quarenta acabar, afinal isso também vai passar".

## Cacá e Elisângela: distância fortalece a união

Quem também precisou adaptar o namoro à pandemia foi o jornalista Cacá Barbosa, 41, e a funcionária pública Elisângela Medeiros, 42. Juntos há cerca de três anos, o casal se encontrou pela última vez no dia 15 de março. Para eles o distanciamento é ainda mais delicado porque os dois moram sozinhos. "Ela mora em Natal, no Rio Grande do Norte, e antes da pandemia nós nos revezávamos, um final eu ia encontrá-la e no outro ela vinha. Quando estamos juntos estamos sempre fazendo algo, a gente não para em casa, a pauta é variada", brinca Cacá.

la tudo muito bem até ser decretado o isolamento social, foi quando o casal conversou e tomou a decisão. "Eu sou meio relaxado mas ela é muito cuidadosa com a saúde e partiu dela essa iniciativa". O entrevistado lembra que estava com a passagem comprada para passar o final de semana com a namorada, como de costume. "Eu não dirijo então viajo de ônibus ou ainda de carro por aplicativo. A passagem ainda tá mofando aqui comigo".

O encontro não aconteceu e desde então o casal tem minimizado a saudade com a ajuda do aparelho celular. O contato diário encurta a distância e reforça a certeza de que é só uma fase e que vai passar logo, mas até que tudo volte à normalidade a opção do casal é pelo afastamento. "A gente tem se falado mais do que o habitual, como a gente se via, então geralmente falamos mais pela manhã. Eu tenho sentido que nós estamos mais unidos e que a distância e a constância maior do contato, mesmo que virtual, fortaleceu mais o relacionamento".

O jornalista diz que o casal adotou um pensamento, uma frase que tem ajudado a atravessar esse período e que tem sido não só repetida mas também praticada e que, segundo Cacá, tem colaborado. "Uma espécie de mantra nosso depois que esse afastamento forçado começou. É mais ou menos assim: Distantes mas juntos sigamos, e é bem assim mesmo que estamos fazendo".



Elisângela está em Natal, enquanto Cacá está em João Pessoa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA  
NÃO IDENTIFICADA/NÃO RECLAMADA

O Instituto de Polícia Científica do Estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa-PB, um corpo NÃO RECLAMADO, identificado como sendo de SERGIO JACINTO DA SILVA, do sexo masculino, com idade aproximada de 47 anos, cor parda, cabelos encaracolados, estatura 165cm, constituição física boa, sem sinais particulares, morador de rua, falecido em 01/02/2020, no Hospital Geral de Mamanguape - PB.

Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio, S/N, Bairro do Cristo Redentor, na cidade de João Pessoa-PB.

**Profª Drª Ana Aline Lacet Zaccara**  
Coordenadora dos Laboratórios de Anatomia  
MATRICULA SIAPE 1164595

**Profª Drª Amira Rose Costa Medeiros**  
Presidente da Comissão de Captação de Corpos  
MATRICULA SIAPE 2115515



Fotos: Divulgação



O Pico do Jabre, que tem visão panorâmica de 130 km, é perfeito para a prática de voo livre, trilhas e caminhadas

# Maturéia: capital paraibana do voo livre atrai turistas

Município abriga o Pico do Jabre, ponto mais alto da Paraíba e o segundo do Nordeste, com 1.197 metros de altitude



Maturéia, no Sertão da Paraíba, fica localizada a 328 km de João Pessoa

**Lusângela Azevêdo**  
lusangela013@gmail.com

A cidade de Maturéia, localizada no Sertão da Paraíba, a 328 km de João Pessoa, possui grandes atrativos turísticos e é conhecida como a capital paraibana do voo livre, através da Lei nº 10.885, de 26 de maio de 2017, de autoria do deputado estadual, Nabor Wanderley. O município recebeu esse título por abrigar o Pico do Jabre, o ponto mais alto da Paraíba. Com 1.197 metros de altitude a área de conservação, que abrange 852 hectares, é bastante procurado por amantes do esporte do voo livre, por ser um ponto ideal para praticar as duas modalidades do esporte, o parapente e a asa delta, além de voos de paramotor e rapel. A riqueza natural do parque atrai milhares de pessoas de várias localidades do Brasil, que saem mundo afora em busca de aventura.

Até a década de noventa, a Vila de Maturéia, pertencia ao município de Teixeira, sendo elevada a categoria de cidade pela Lei nº 6175 de 13 de dezembro de 1995. Durante sua formação evoluiu da condição de ponto de passagem de mercadores e tangerinos de gado para um arruado que ficou famoso pelo fenômeno vegetal da prolongada maturação dos seus cajueiros. Os maturis, como são chamados os cajus novos, ainda verdes (pedúnculos) tinham longa maturação na região. O que faz de região grande produtora de cajus.

Nesses 24 anos de história, a cidade cresceu não só apenas em números populacionais, mas vem se destacando no ecoturismo, sendo o cenário perfeito para atividades em meio à natureza.

Na prática de esportes de aventuras, no Pico do Jabre dispõe da rampa de voo livre mais alta do Nordeste, o que atrai amadores e profissionais do esporte de vários estados para conhecer o lugar e participar dos Festivais de Voo livre que acontecem anualmente no município.

Maturéia, que tem também como atração turística o relógio solar, se destaca pela gastronomia e hotelaria, além de ser palco das tradicionais festas juninas e ações que preservam a cultura nordestina.

## Pico do Jabre

O Pico do Jabre é o segundo ponto mais alto do Nordeste, com 1.197 metros de altitude, ele perde apenas para o Pico do Papagaio, localizado no vizinho Estado de Pernambuco. O local de vista belíssima, com uma visão panorâmica de 130 km, e subida emocionante, perfeito para a prática de trilhas e caminhadas. E, para quem quer conhecer a beleza do local, mas não aguenta a caminhada de mais de três horas, entre subida e descida, o acesso pode ser feito com veículo tração 4x4.

Durante a caminhada é comum cruzar com alguns animais que habitam na área, como várias espécies de macacos, répteis, mocó, tamanduá, gato maracajá, raposa, veado catin-gueiro, onça-sucuarana, jiboia, coral-verdadeira e aves raras, entre outros que aos poucos vão desaparecendo vítimas da caça predatória e das queimadas.

Dependendo da trilha, os aventureiros podem apreciar algumas formações rochosas da região, como a Pedra do Frade, a curiosa Pedra da Torre e o Poço da Besta.

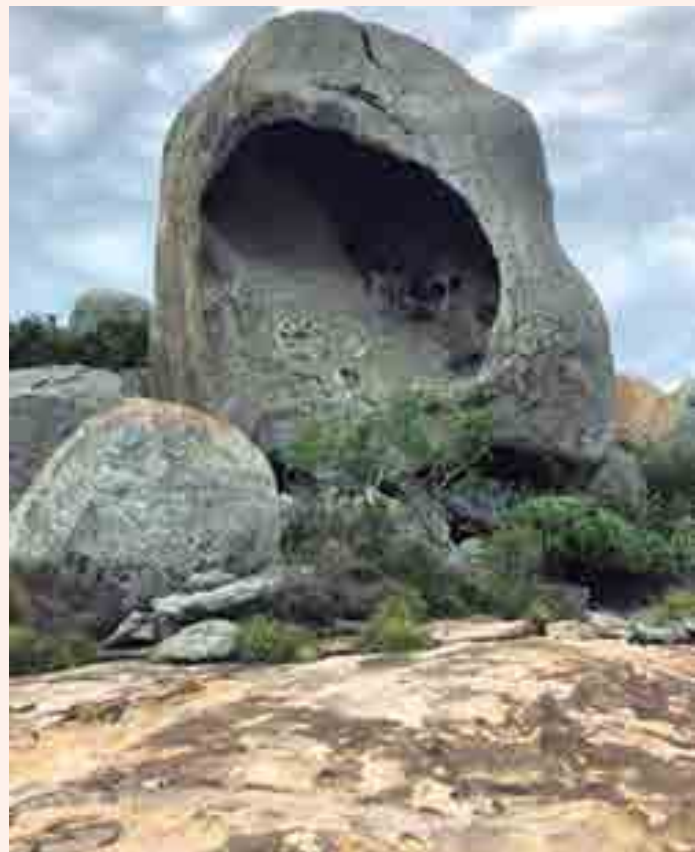
O parque oferece ainda aos turistas aventureiros, duas opções de hospedagem. São as pousadas: Pico do Jabre Ecopousada e Casarão do Jabre. Ambas com restaurante, apoio para trilhas e museu instalado na pousada, com relíquias, que revelam a história de luta e perseverança da família Dantas. No local, os turistas têm à disposição diversos objetos de artesanato para comprar e levar para presentear ou mesmo para levar para casa como lembrança.

No Casarão do Jabre, os dormitórios são no modelo de 'casas rústicas', para o público que abre mão do luxo. O ambiente remete ao passado e à história da família Dantas. Já a Ecopousada oferece os serviços de há traslado num veículo 4x4, até o cume do Pico e passeio de caiaque pelo açude. Além de um cardápio com comidas regionais, a base de bode e serviço a la carte.

Como todo ponto turístico, a beleza do parque também sofre a ação predatória dos homens. É recorrente ver o lixo que os trilheiros vão deixando pelo caminho, como garrafas pets, sacos plásticos, entre outros. Além da caça predatória que tem colocado diversos animais em risco de extinção, mesmo sendo proibida.



O parque oferece ainda aos turistas aventureiros, opções de hospedagem



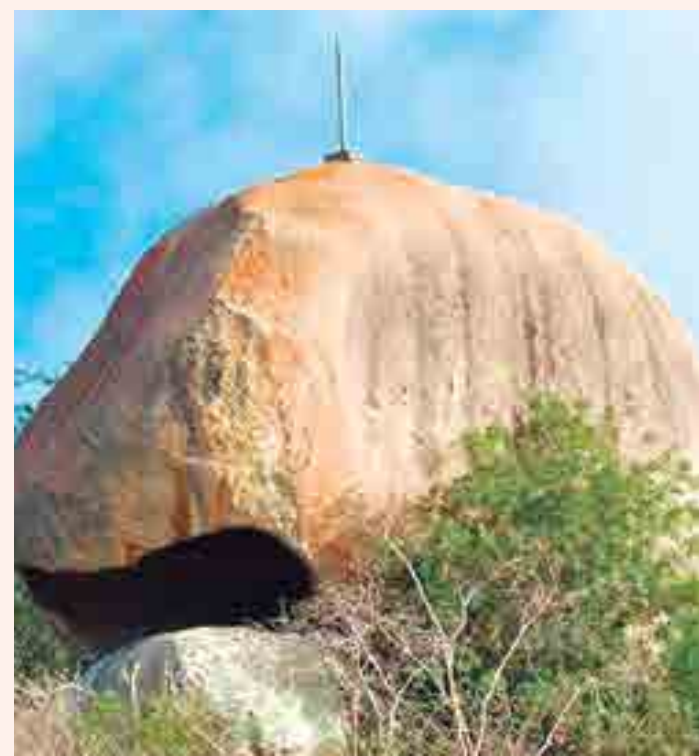
Os aventureiros podem apreciar algumas formações rochosas da região



A riqueza natural do parque atrai milhares de pessoas de todo o país



O relógio solar também é uma das atrações turísticas do município



O município de Maturéia vem se destacando no ecoturismo





# Vladimir Carvalho sonha em adaptar um clássico de Zé Lins

Renomado documentarista paraibano revela que enveredaria pela ficção com a produção de 'Doidinho'

**Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

Continuação de *Menino de Engenho*, *Doidinho* é um romance memorialístico regionalista José Lins do Rego (1901-1957). Rodado na Paraíba, o primeiro ganhou uma adaptação cinematográfica em 1965 por Walter Lima Jr. O segundo vive não só nas recordações de outro cineasta, como também nos seus sonhos.

"Antes de mais nada, é um sonho que alimento e pode ser realizado. Porém, fica mais difícil, uma possibilidade remota, principalmente nessa altura da vida e por causa da atual situação em que está o cinema brasileiro e pelo advento da pandemia. Mas é uma ideia fixa que tenho", confessou Vladimir Carvalho, renomado documentarista paraibano radicado em Brasília há cinco décadas, referindo-se ao que poderia vir a ser o seu primeiro filme de ficção. "É algo que nunca tentei nesses quase 86 anos de vida".

Dono de uma carreira que abrange a direção de 10 longas-metragens e 15 curtas, dentre eles clássicos como *Conterrâneos Velhos de Guerra* e *O País de São Saruê*, essa ideia de realizar uma ficção Vladimir vem mantendo na cabeça há muito tempo e nasceu no ambiente doméstico, na cidade que lhe serviu de berço, Itabaiana. "A origem é na minha paixão pela minha terra natal. Meu pai costumava ler os livros de José Lins do Rego, inclusive *Doidinho*, para a família, durante as noites, numa época em que ainda não havia televisão", recordou o cineasta. "Seria uma homenagem ao meu pai, que perdi quando tinha 13 anos de idade. Ele era leitor voraz de Zé Lins, tinha uma fábrica de móveis e era um desenhista exímio".

Vladimir comentou que ele mesmo cuidaria de fazer a adaptação da obra homônima de José Lins do Rego, mas iria procurar mais alguém para lhe ajudar nessa tarefa. A propó-

sito, *Doidinho* é um romance autobiográfico publicado em 1933 e considerado o segundo dos cinco livros integrantes do chamado Ciclo da Cana-de-Açúcar. Trata-se de uma denominação alusiva ao papel - que o autor paraibano, natural da cidade de Pilar, escreveu com mais realismo - desempenhado na decadência do engenho açucareiro na região Nordeste. A primeira obra lançada foi o já citado *Menino de Engenho* (1932) e as outras restantes são *Banguê* (1934), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943), todos centrados no personagem Carlos de Melo.

Ao refletir sobre o projeto, o cineasta disse que seria possível gravar partes do filme em estúdio. Mas admitiu que também iria até a sua cidade natal, com o intuito de rodar cenas. E justificou a viagem, lembrando que a trama da obra é ambientada no município. "*Doidinho* se passa em Itabaiana, na segunda década do século passado", disse Vladimir, acrescentando que o protagonista, Carlos de Melo, que vivia solto no Engenho Santa Rosa, é obrigado a deixar a fazenda de seu avô e ir para o Instituto Nossa Senhora do Carmo, o internato de Itabaiana e em cujas quatro paredes faz a transição de criança - apelidada pelos amigos de Doidinho, por causa do seu temperamento nervoso - e ingressa na adolescência, o que é o ponto de partida da história.

O realizador comentou que faria, por exemplo, imagens cotidianas da cidade, retrataria o drama vivido pelo garoto e o Instituto Nossa Senhora da Conceição, conhecido por ser um colégio interno com regras rígidas, cujo diretor era o também professor Maciel, que costumava ridicularizar Carlos. "Descobri, mas não com esse nome que é hoje, que o professor Maciel fazia exhibições de filmes para os alunos do internato, cuja sede ainda existe. Ele foi o precursor do que hoje chamamos de cineclube, entre as décadas de 1910 e 1920".

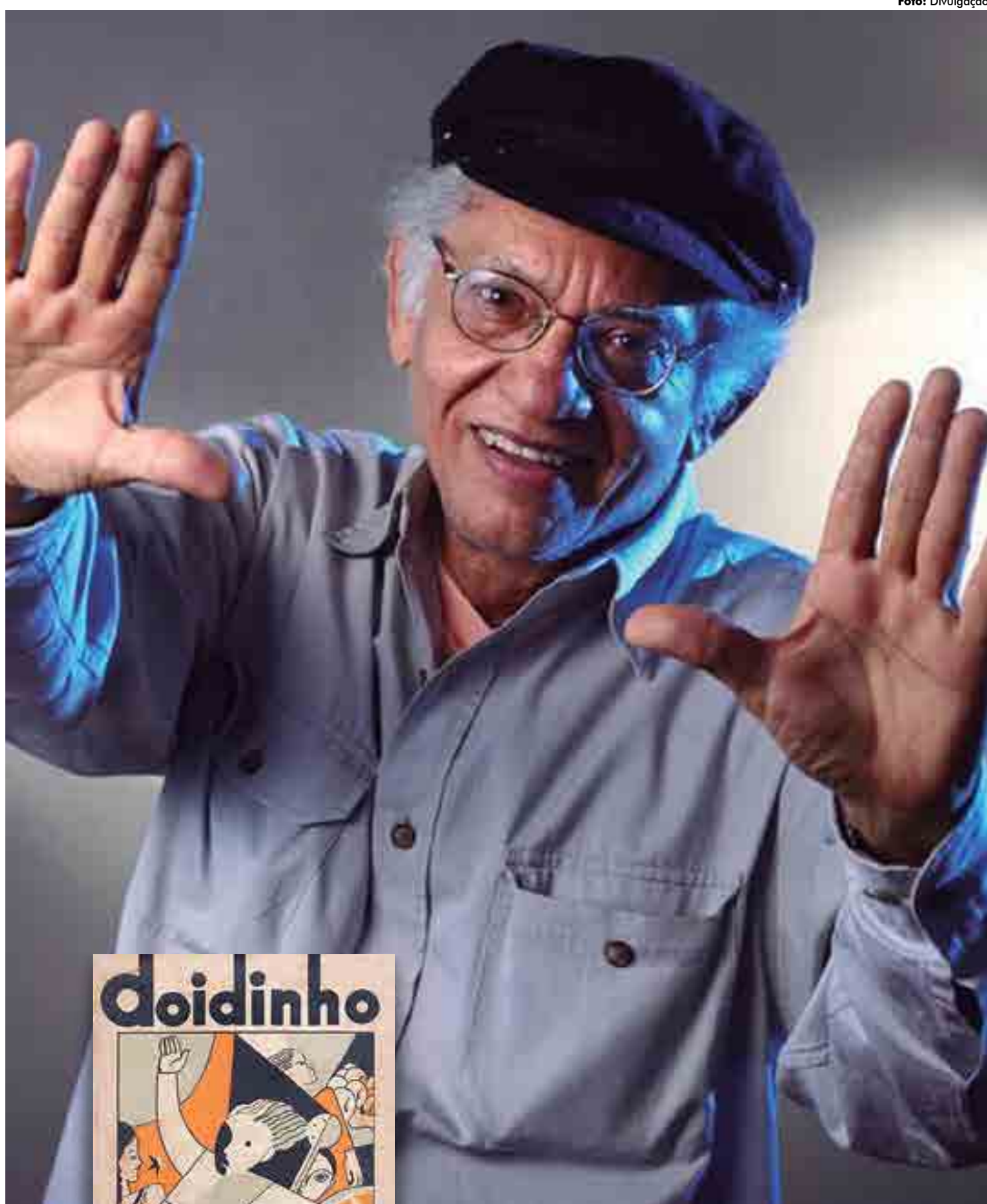


Imagem: Divulgação

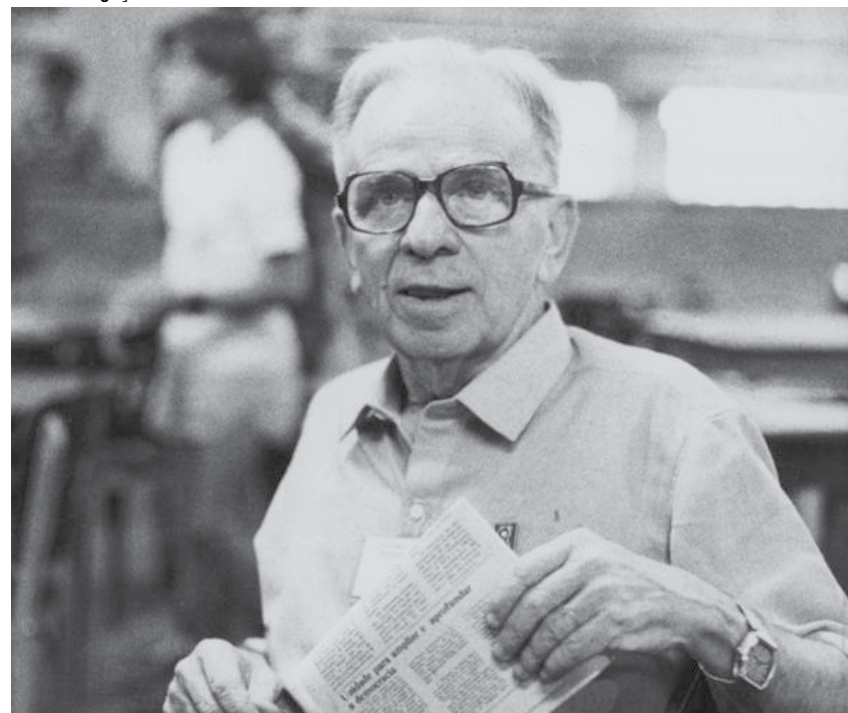


## REMINISCÊNCIAS DA INFÂNCIA

Publicado em 1933 e um dos cinco romances do Ciclo da Cana-de-Açúcar de José Lins do Rego, 'Doidinho' era lido durante a infância de Vladimir pelo seu pai, em Itabaiana, cidade onde se passa a ação do livro

## + Pandemia afeta lançamento de documentário sobre Giocondo Dias

Foto: Divulgação



Longa de Vladimir retrata trajetória do líder comunista baiano que viveu na clandestinidade

Um projeto em andamento de Vladimir Carvalho foi atingido pelos efeitos da pandemia. "Tenho um filme para ser lançado, o documentário *Giocondo Dias: Ilustre Clandestino*, que participou em sessão especial do Fest Aruanda, em João Pessoa, no ano passado, e também foi exibido no encerramento do Festival de Cinema de Brasília, em novembro. Estou querendo lançá-lo oficialmente, porque tem que buscar o público, mas, com essa paralisação, não sei se será de forma virtual ou presencial, depois que passar essa crise, que afetou muito o funcionamento das salas exibidoras".

Durante este período de quarentena, Vladimir está en-

volvido na tarefa de buscar quitar as dívidas resultantes da produção do longa-metragem, que é uma espécie de homenagem ao dirigente político baiano, que substituiu Luiz Carlos Prestes na secretaria geral do PCB, um dos comandantes do governo revolucionário de quatro dias, no Rio Grande do Norte, em 1935.

Na opinião do diretor, momentos como o atual, onde se vive o distanciamento social, pode contribuir para o trabalho. Ele mesmo gosta de ter tempo para avaliar seus projetos, como se estivesse decantando cada um. "Em alguns filmes, quando não se tem muita pressa, existe a oportunidade de poder repensar.

Faço um esforço muito grande para não apressar, precipitar a conclusão de um filme, pois esse tempo pode servir para refletir sobre ele".

Vladimir Carvalho também considera "totalmente importante" o Festival de Cinema de Brasília, um dos eventos audiovisuais mais respeitáveis e tradicionais do país. Com relação ao evento, ele comentou que se pensou em cancelar, por causa da pandemia. Mas disse que as inscrições estariam para ser abertas e o estudo que vem sendo feito é o de, se for o caso, realizá-lo de forma virtual, no mês de novembro. "Dois terços do que fiz foi aqui", justificou ele sobre sua cidade adotiva.



## Rituais de humilhação

Os Ashantis de Gana fazem anualmente uma cerimônia que dura oito dias, com música, dança e saltos. O inusitado é que, durante a festividade, os participantes têm liberdade para satirizar e criticar qualquer pessoa, incluindo os que estão em posição de superioridade.

Os nativos ficam livres para admoestar, escarnecer ou vilipendiar os líderes políticos. As regras da comunidade garantem o direito de “lavarem a roupa suja” sem ter que se preocupar com futuras represálias. Falta, abusos de autoridade e incoerências éticas, são expostas sem o menor receio. Imagine como seria dizer, cara a cara, tudo o que realmente pensa sobre políticos, vizinhos, colegas de trabalho e amigos sem se preocupar com as consequências?

Para os Ashantis, cada ser humano possui uma alma (*sunsum*) que, se maltratada, adocece. O principal vilão para a saúde são os sentimentos de ódio e a maldade que os outros têm em relação a nós, como também os sentimentos negativos que guardamos em relação aos outros. Ser franco, sincero, e até mesmo rude, contribuiria para a purificação da alma. Segundo contam os sábios Ashantis, esse ritual foi estabelecido pelos antepassados como forma de curar os males da alma. Uma vez por ano toda pessoa, livre ou escrava, estaria autorizada a dizer o que “viesse na telha” – como forma de garantir a saúde coletiva.

De acordo com o antropólogo escocês Victor Turner, a quem devo o conhecimento dessas histórias, esse tipo de ritual teria como principal função o nivelamento social. Observemos que os poderosos são rebaixados e estão sujeitos a humilhação. Os mais fracos podem suprimir a relação desigual de poder através da palavra franca e aberta. Não se admitem privilégios próprios da estrutura social como as hierarquias de posições, de cargos, da rede

de papéis, das diferenciações por “status”, dos privilégios econômicos e jurídicos.

Tais rituais são responsáveis pela reversão de status social. Turner narra e interpreta vários casos parecidos em seu livro *Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Fiquei particularmente impressionado com a descrição da coroação real entre os Njogni do Gabão. O futuro rei é escolhido pelos anciões da tribo e só toma conhecimento quando se inicia o ritual. A parte mais curiosa é que a cerimônia se baseia na execração pública do candidato à realeza. Este é cercado por uma multidão destemperada que o atinge com palavrões e maldições pessoais e familiares; arremessam objetos, esbofeteiam, disferem socos, chutes e cusparadas.

O quase rei se mantém impassível, calmo e sereno. Como se considerasse tudo aquilo uma grande peça teatral. É possível ouvir durante a cerimônia pessoas gritando em tom ameaçador que, enquanto não é rei, fazem o que quiserem com ele. Dentro em breve a autoridade se inverterá. O que não demora muito. Em pouco mais de meia hora o rei é empossado, vestido com a toga vermelha e o chapéu de seda que marcam sua posição social. O respeito e a obediência daqueles que “agora a pouco” o humilhava passa a ser incondicional. Não ousam desafiar minimamente o seu poder.

Os ritos de reversão de status baseados em humilhação são bastante comuns. Nem sempre visam a mudança ascensional do status, mas apenas a aceitação de indivíduos em determinado grupo ou comunidade. Em rituais de iniciação, por exemplo, skinheads costumam aplicar sova violenta no aspirante a membro do grupo. A chance de serem aceitos dependerá, naturalmente, da probabilidade de continuarem vivos. Calouros universitários, por sua vez, podem ser submetidos a trotes bárbaros. E assim por diante...

## Estética e Existência

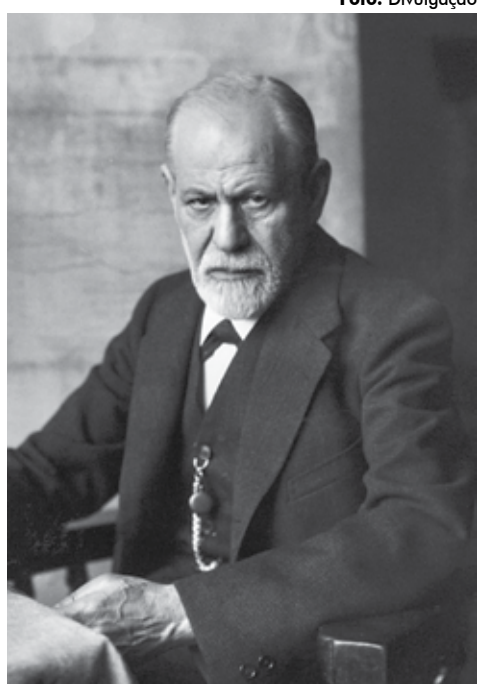
Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com | colaborador

## Os neuróticos e a sociedade adoecida

Os conflitos sociais levam o indivíduo aos desequilíbrios de comportamentos. Isso o faz adoecer no caráter e força uma desorientação nos próprios projetos de vida. De forma patológica podemos citar como sintoma desse transtorno existencial a neurose de caráter, e no enquadre psíquico pode-se acentuar a depressão ou psicose. Nas psicoses se perde a noção da realidade e, na neurose, ele continua ligado à realidade, e um dos sintomas é a dificuldade de adaptação nos ambientes sociais. A neurose é o desequilíbrio mental que está relacionado a ansiedade e causa instabilidade emocional e desordens nas tomadas de decisões e ações. Nas crises neuróticas o indivíduo manifesta suas defesas que geralmente entra em conflito com os próprios traumas e recalques. As características mais evidentes da neurose são: a compulsão, na qual o indivíduo apresenta um comportamento repetitivo exagerado e suporta um sofrimento consciente; a obsessão, nessa neurose o indivíduo afasta objetos da situação do pensamento original por algo do imaginário, e torna o pensamento fixo em ideias e atos, como a obsessão por pensamentos trágicos; a fobia, na qual o indivíduo apresenta medo ou pavor e intenciona o prazer para fora do seu eu, e o objeto ameaçado descreve uma angústia; a ansiedade, nessa doença os pensamentos são de insegurança e inquietação; na neurose histérica, as ações corporais são involuntárias ou comportamentais explosivos. Na maioria das vezes, diante dessas neuroses, o indivíduo sente-se impotente para o autocontrole.

O médico, neurologista, psiquiatra e psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), afirmou que os distúrbios sexuais têm significância nas crises neuróticas, sendo responsáveis por grande parte dos transtornos psíquicos.

O indivíduo quando apresenta delírios e transtornos obsessivos compulsivos sofre alterações de comportamentos e complexas limitações no ambiente social e profissional. Nos dias atuais, esses sofrimentos psíquicos têm se tornado um objeto de estudo para as ciências sociais por se aproximar do discurso da patologização. Esse sofrimento é uma manifestação



Médico e psicanalista Sigmund Freud (1856-1939)

tação de estruturas que se organizam através de oposições internas, que se manifestam nas obsessões, histerias, fobias, paranoia, esquizofrenia, sadismo, masoquismo, psicoses, perversões, entre outras.

As obras de Freud, *A Moral Sexual e a Nervosidade Moderna* (1908), apresentam as preocupações com as mudanças sociais e a sua relação com o aumento da ansiedade e do adoecimento social do indivíduo. No livro *O Mal-Estar da Civilização* (1930), Freud apresenta a vida adoecida pela exigência do progresso, seja pela busca de um luxo inacessível; pela falsa religiosidade; pelas incertezas das crises políticas e econômicas; e de valores contrários aos ideais e princípios éticos da dignidade. Freud dirá que é necessário sair da nervosidade moderada mediante um olhar mais clínico e atento para com as neuroses tóxicas e psicose. Dessa maneira, a articulação entre o geral e particular, entre a cultura e o indivíduo, estaria não no estresse do sistema nervoso, e sim na sufocação – mediante o recalque – das pulsões sexuais orgânicas, instigada pela moralidade social. Para Freud, é a cultura que introduz a negatividade na natureza; e mediante a função central da agressividade – promovida por ela mesma – desenvolve o conflito entre as consciências do senhor e escravo, que vem a constituir as formas do indivíduo. Nos dias atuais, isso se dá pela busca ao individualismo, que são

os efeitos do progresso da vida moderna que participam de um tipo de produção de subjetividade, em que o indivíduo vem a se constituir por uma agressividade que marca todo o desenvolvimento do eu, e levá-lo a se realizar como indivíduo adoecido pelo ódio. Esse indivíduo acaba por se confundir com o vazio da existência e pela crise da multiplicidade e falta de identidade, que o levará aos sofrimentos e para as neuroses de transferência.

O sofrimento da neurose atual apresenta outro tipo de paradoxo, o seu sentido se perde nas alienações e nas objetivações do discurso da dor. Dessa maneira, o sofrimento da neurose moderna suspende o sentido de existir e troca a verdade pela manifestação do sofrimento. Nesse desespero, estamos diante da agressividade do eu e encontramos sofrimentos que se articulam a uma identificação narcísica que apresenta o nada existencial, e o ser coisificado e fragmentado. Essa neurose apresenta um diagnóstico e oferece ao psicanalista o contexto social para pensar sua prática clínica; e de questionar o mal-estar na civilização circunscrevendo os sofrimentos entre o neurótico e a convivência social.

Na extensão dessa coluna, sintase convidado para a audição do 274 Domingo Sinfônico deste dia 5, das 22h até as 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br ou sintonize FM 105.5. Irei apresentar as peças do pianista e compositor russo Sergei Vasilievich Rachmaninoff (1873-1943). Rachmaninoff foi nomeado oficialmente um artista livre, isto o fez um compositor independente diante da censura em relação ao formalismo russo e ao nacionalismo soviético. Com essa liberdade usou o melodismo que se inspirava no romantismo russo. É um compositor que transmite uma intensa nostalgia e se caracteriza por uma densa expressividade e tempestividade. Ele foi influenciado por temas obscuros e difíceis de serem decifrados pela dor psíquica; também foi influenciado pelos poetas do simbolismo que fundamenta o princípio de que os nossos sentidos só captam um pequeno reflexo da realidade. Seu pensamento musical migra para um romantismo da Rússia do século 19.

## Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## A cruz que nos couber

Eu estava pensando no filme *O Segredo de Vera Drake* (Inglaterra, 2004), direção de Mike Leigh, que se passa na Londres de 1950. Um filme que revela segredos, ou o segredo de cada um. São tantos, né? A cada um de nós a cruz que nos couber.

Uma pessoa feliz ou infeliz, com uma vida onde tudo faz sentido ou não, detém, à sua volta, um mundo que se desfaz e se renova. Com ou sem pandemia. Amigos próximos que estão sozinhos e entregues a uma solidão crescente, outros que lutam contra uma doença visível. Um casal feliz que passa em minha rua, a mulher na garupa da bicicleta do marido. Uma cena de cinema.

A vida é mesmo assim. Eu acho essa frase idiota. Ou se conforme. Penso sempre eu diante de um filme de Mike Leigh. E ao mesmo tempo que há uma leveza que sobressai das imagens dos filmes do britânico, o peso dessa realidade sai conosco da sala e segue até a calçada, onde, mais tarde ou mais cedo, o haveremos de reencontrar.

Sobre o que trata esse filme? Sobre o envelhecer ou sobre a felicidade? Sobre a solidão ou o inferno que são os outros? Sobre o aborto? Eu prefiro acreditar na força de cada um. Ou na cruz.

Com um roteiro muito bem escrito que se destaca pelo forte humanismo das personagens e pela inteligência de não julgar nem enaltecer os atos da protagonista (com uma atuação devastadora de Imelda Staunton), *O Segredo de Vera Drake* é cheio de tensão que trata com extrema habilidade esse tema, o aborto.

Traz a história de uma senhora de família, Vera Drake, que toma conta do esposo e dos filhos e aparentemente leva uma vida na legalidade (como todo mundo – ou não), mas esconde de toda a família, o segredo de que faz abortos clandestinos em jovens garotas, na maioria das vezes, ingênuas, enganadas pelos namorados, que as abandona após engravidá-las. É cruel. Continua sendo.

Vera Drake faz isso e não cobra por seus “serviços”. Quando a polícia descobre Vera, percebe que a mulher que arranjava as garotas, recebia dinheiro delas e pedia para não contarem nada para Vera. Assim, ela pensava que não era cobrado o aborto. A personagem de Vera é usada. É cinema, né?


Vera vai a julgamento e nessa parte do filme que Imelda Staunton dá um show de interpretação e as melhores cenas são, justamente, na parte final. Imelda ganhou o prêmio de Melhor Atriz em Veneza, 2004, e o longa também ganhou o Leão de Ouro de Melhor Filme, nesse festival. Staunton também levou o prêmio de Melhor Atriz no European Film Awards 2005; foi indicada ao Bafta 2005 de Melhor Atriz; indicada ao Globo de Ouro de Melhor Atriz/Drama em 2005, e também indicada ao Oscar do mesmo ano. O filme também concorreu aos Oscars de Melhor Diretor e Roteiro Original. Ou seja, um bom filme.

O diretor trabalha o tema do aborto sem tomar partido, deixando o espectador conceber sua opinião sobre o fato, através da história de uma pessoa que faz, sabendo que faz, mas não vive disso. Cada um sabe a dor a delícia de ser o que é, né? Está lá na canção de Caetano Veloso. O resto, só vendo o filme. Eu sou contra o aborto.

### Kapetadas

- 1 - Descubri que não sei mais andar na rua;
- 2 - Deu a bexiga: missa virtual, festinha virtual, festa de aniversário virtual, namoro virtual. A vida on-line enfim venceu a off-line;
- 3 - Som na caixa: “Uns vendem fumo, tem uns que viram Jesus”, Chico Buarque.

Colunista colaborador



**IÊDA CARNEIRO**  
Serviço Notarial e Registral

**EDITAL DE LOTEAMENTO**


1º OFÍCIO DE NOTAS E PRIVATIVO DO REGISTRO DE IMÓVEL – IÊDA CARNEIRO SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL, COMARCA DE ALAGOA GRANDE, ESTADO DA PARAÍBA.

Iêda Maria de Paiva Carneiro, Tabelã do Registro de Imóveis, Comarca de Alagoa Grande, Estado da Paraíba, na forma da lei etc.

Faz público para ciência dos interessados, em cumprimento ao disposto no art. 19, § 3º, da Lei nº 6.766, de 19-12-1979, que a Empresa CONSTRUSUL – CONSTRUTORA SUL LTDA, inscrita no CNPJ sob nº 08.298.416/0022-74, com Sede à Rua Lindolfo José Correia das Neves, 294, Sub lote 002, Jardim Oceania, João Pessoa-PB, neste ato sendo representado pelo Sócio Diógenes Araújo Lins, brasileiro, casado, empresário, portador do CPF nº 364., residente na Av. Gov. Argemiro Figueiredo, nº 2200, Apto. 302, Jardim Oceania, João Pessoa-PB, depositou neste Serviço Notarial e Registral – Iêda Carneiro, situado à rua Dr. Apolônio Zenayde, 755, Centro, Alagoa Grande – PB, o projeto e demais documentos relativos ao imóvel de sua propriedade com a denominação de “LOTEAMENTO PADRE HILDON BANDEIRA”, compreendendo 09 Quadras, num total de 130 lotes residenciais, encerrando uma área de 30.811,23 m² (trinta mil, oitocentos e onze metros e vinte e três centímetros quadrados), que correspondem a 69,86% da área total; Sistema Viário mede 11.120,91 m² (onze mil, cento e vinte metros e noventa e um centímetros quadrados), que correspondem a 25,21% da área total; Área Deadada mede 887,17m² (oitocentos e oitenta e sete metros e dezessete centímetros quadrados), que corresponde a 2,01% da área total; Área de Equipamentos Comunitários composta por 02 (duas) áreas públicas, mede 1.287,37 m² (mil duzentos e oitenta e sete metros e trinta e sete centímetros quadrados), que correspondem a 2,92% da área total do loteamento que é de 44.106,68m² (quarenta e quatro mil, cento e seis metros e sessenta e oito centímetros quadrados), conforme Ato de Aprovação da Prefeitura Municipal de Alagoa Grande – PB. As exigências, dispensas, proibições e ressalvas, inclusive a indicação para cada lote contidas no memorial, ficarão fazendo parte integrante do registro e serão lançadas no seu respectivo campo.

havendo impugnações, estas deverão ser apresentadas neste Registro, durante o expediente, dentro do prazo de quinze dias, contados da terceira e última publicação deste edital; e não as havendo, será feito o registro.

Alagoa Grande, 25 de Junho de 2020.

  
**IÊDA MARIA DE PAIVA CARNEIRO**  
 Tabelã do 1º Ofício de Notas e Registro de Imóveis desta Comarca



## Cinema

**Alex Santos**

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

# Cinema paraibano: sobre suas verdades e mentiras

Prestigioso e bem editado *Correio das Artes*, em sua edição de junho, na semana passada, focando mais uma vez a excelência da cultura paraibana, um especial dedicado ao jornalista e cinéfilo Wills Leal trouxe dois artigos que me beliscaram a memória fortemente.

O primeiro deles, o de abertura da revista, em artigo sobre Wills faz uma afirmação não verídica quanto à criação da Academia Paraibana de Cinema (APC), quando afirma logo no início do primeiro parágrafo: "Em uma das reuniões antes do lançamento da Academia(...) Na mesa que coordenava a reunião, José Bezerra Filho, que viria a ser o vice-presidente da entidade..." (sic)

Relegando a falta de melhor noção de quem o escreveu sobre a entidade, que de forma legal o representa cinematograficamente (cadeira 23, patrono Luciano Wanderley), o também membro da APC deveria saber que nosso amigo José Bezerra Filho nunca foi vice-presidente da entidade, desde a sua fundação. Mas, foi seu diretor financeiro de mérito, em toda a nossa gestão presidencial de dois mandatos, minha e de Wills, durante seis anos, servindo ainda à gestão do professor Moacir Barbosa.

Aliás, essa como outras, são constantes incoerências históricas, deveras imperdoáveis, de muitos indicados por Wills Leal para a APC, mas que nunca frequentaram suas reuniões mensais, tomaram ciência do que se passava, ou contribuíram com a entidade, pelo menos divulgando seus feitos, que não foram poucos, durante quase dez anos. O que implica,

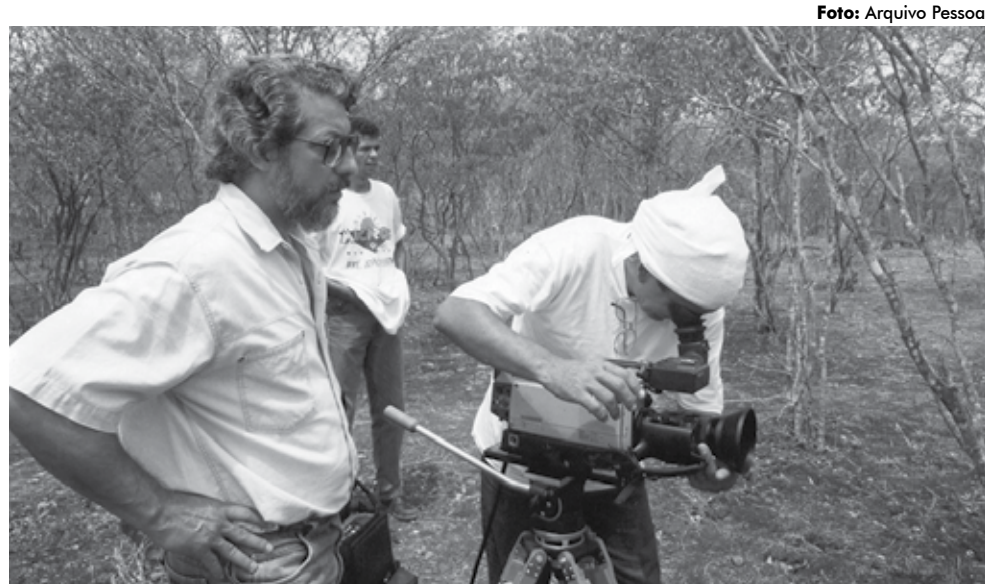


Foto: Arquivo Pessoal

Cineasta Alex Santos (E) e câmeras nas gravações de 'Sansaruê Scenographic City', em Taperoá

aos que citarem a APC, mais cuidado em seus relatos sobre ela.

*Ipsa jure* da verdade histórica.

O outro assunto do suplemento *Correio das Artes* que me beliscou bem mais, merecendo o meu elogio, foi: *O guardador de vidas e de sonhos*, artigo do parceiro articulista de **A União** José Nunes. Foi respeitosa a homenagem que ele prestou ao também acadêmico da nossa APC, Balduino Lélis, Cadeira 3 (Patrono Alberto Leal). De seu singular texto, amigo Nunes, transcrevo uma parte que me chamou real atenção: "Uma das várias facetas dele (Balduino) foi montar a Cidade Cinematográfica de São Saruê".

Sobre essa "faceta" de Balduino, jamais realizada, conservo até hoje dois documentários que fiz em 1995 (em matriz U-Matic), com cenas gravadas na Universidade Leiga do Trabalho, em Taperoá: *Sansaruê Sceno-*

*graphic City*, originalmente feito em inglês e produzido pela atriz Kristhel Biancco para a Embaixada do Brasil nos Estados Unidos, e um outro intitulado *Remake - A história de um reinício*. Em ambas as realizações estão presentes em cena a atriz Kristhel Biancco, o produtor/cineasta Aníbal Massaini Neto e o diretor de cinema Carlos Coimbra. Todos eles falam do real motivo de virem à Paraíba e Taperoá, para locações de um *remake* de *O Cangaceiro*, de Lima Barreto.

Em visitas também a João Pessoa, gravei imagens dos produtores com o então governador Antônio Mariz, em seu gabinete no Palácio da Redenção, meses antes do seu falecimento. Fizemos também algumas cenas pela cidade, inclusive, durante reunião em Tambaú com vários representantes da cultura paraibana. – Mais "coisas de cinema", acesse: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br)



## APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema - Cadeira 23, Patrono: Luciano Wanderley (Ocupante: Renato Félix). Da geração do pioneiro Alberto Leal, Luciano foi da atividade de exibição de cinema na Paraíba. Empresário, homem de larga visão de futuro, era conhecido pelos mais íntimos como "Dom Luck". Foi o responsável pela modernização dos cinemas no Estado, chegando inclusive a ser pioneiro em exibições nos nossos shoppings. Com excelente trânsito na crítica cinematográfica local, incentivou o funcionamento do "Cinema de Arte". Morreu em 2003, com 74 anos.

## Audiovisual

# Patrocínio para animação abre inscrições

Foram abertas nesta semana as inscrições para edital de financiamento a projetos de curta e média-metragens de animação do Petrobras Cultural. O patrocínio, no valor de R\$ 4 milhões, será destinado a iniciativas que tenham como público crianças de até seis anos de idade, podendo ser também voltados a seus pais e educadores. O prazo acaba no dia 24 de agosto.

Essa é a segunda chamada do programa, com investimento total de R\$ 10 milhões. A primeira seleção, de artes cênicas, foi lançada em março e recebeu mais de 900 inscrições.

No segmento específico de animação, exemplos de produções patrocinadas são *O Menino e o Mundo*, que concorreu ao Oscar em 2016, o sucesso *Peixonauta - O Filme* e os longas *Tarsilinha* e *Teci e Tuti* (ambos inéditos).

A animação brasileira está presente também na Orquestra Petrobras Sinfônica, que, além de tocar com o reconhecido projeto Mundo Bitá (cujo vídeo já alcançou mais de 3 milhões de visualizações), lançará em julho arranjos para diferentes formações instrumentais de câncões registradas por Villa-Lobos.

A companhia vem apoiando iniciativas que promovam o acesso ao brincar, à arte, à música e à literatura para o público infantil. Estudos mostram que proporcionar estímulos adequados durante



Foto: Divulgação

Cena de 'O Menino e o Mundo', longa animado nacional que concorreu ao Oscar em 2016

a fase da primeira infância das crianças (até a idade de seis anos) contribui significativamente para a aquisição de habilidades cognitivas e de caráter fundamentais para desenvolvimento de habilidades futuras mais complexas.

O processo seletivo contará com especialistas do segmento e tem previsão de divulgação de resultado em novembro. Os projetos selecionados deverão ser concluídos em até 18 meses. Uma vez concluídas, as animações deverão ser disponibilizadas em plataformas *streaming*.



Através do QR Code acima, acesse o site para as inscrições do edital

## Letra Lúdica

**Hildeberto Barbosa Filho**

[hildebertobarbosa@bol.com.br](mailto:hildebertobarbosa@bol.com.br)

# Parceiros de Caderno Cultura

Sinto falta quando Estevam Dedalus não escreve a sua coluna. Não o conheço pessoalmente e sei que deve ser jovem. Digo isto porque estou nesta velha Casa desde 1976, e ele apareceu por aqui não faz muito tempo. Sorte da Casa. Esta Casa que já abrigou as melhores cabeças do pensamento cultural da Paraíba, a exemplo de um Castro Pinto, um Carlos Dias Fernandes, um Eudes Barros, um Osias Gomes, um Ascendino Leite, um Ernani Sátyro, um José Américo de Almeida e tantos outros.

Sei que é filho de Águia Mendes, um dos grandes poetas de minha geração, e irmão, portanto, de Israel Rêmore, meu ex-aluno da disciplina de Ética no curso de Comunicação Social da UFPB. Sei também que divide, comigo e com outros, as páginas deste *Caderno de Cultura*. Ele, com os transportes precisos de sua bagagem analítica e meritória; eu, doidivanas, na geografia mais atirada e mais aberta da letra lúdica.

Religião, política, esporte, cotidiano, economia e o *fait divers* da dinâmica social aborda sempre numa perspectiva sociológica refinada pela camada crítica e atualizada pelo enfoque temático. Dia desses, por exemplo, dissecou, com clareza meridiana e forte indução exegética, os atropelos autoritários e neofascistas do governo Bolsonaro.

Aprendo tanto com ele a ler melhor as coisas, pois não fala como aquele acadêmico chato, cheio de empáfia e de tola erudição. Seus artigos, curtos e densos, constituem pequeninas aulas domingueiras onde a informação, como exigem a boa didática e o senso pedagógico, converte-se sempre no mais eficaz conhecimento.

Vejo que tem gente nova no Caderno. Klebber Maux Dias, assinando a coluna *Estética e Existência*. Título de semântica larga e flexível a pressupor inclinação meditativa e convívio maduro com o pensamento humanista.

Irmão da professora Suely Maux e sobrinho do jornalista e teatrólogo Wilson Maux, de saudosa memória, Klebber não nega o DNA da comunicação nesta família que tanto deu ao rádio e ao jornal paraibanos.

A estética, a filosofia, a música erudita e outros seletos motivos vêm sendo apresentados e discutidos em seus artigos de fundo, no esforço louvável de traduzir ideias e assuntos complexos para o cotidiano da pauta jornalística. Klebber é a gentileza em pessoa. Sêrio, educado, disciplinado e sempre atento aos dados e às fontes mais legítimas da pesquisa científica.

Alex Santos é o meu vizinho mais próximo. Como Antônio Barreto Neto e João Batista de Brito, vem me guiando os passos numa remota e persistente cinefilia que nasceu nos cines Avenida, São José, Capitólio e Babilônia, lá nos idos da Serra. Alex é cinema puro. E do melhor! Leia, leitor, sua coluna e visite seu site.

Deixo Kubitschek Pinheiro por último. Talvez seja ele a pedra de toque do colonismo cultural. Kubi faz a síntese entre George Bernanos e Jean Genet; entre Ascendino Leite e Jomard Muniz de Britto; entre Caetano Veloso e Luiz Felipe Pondé. E o faz, claro, com as agulhas afiadas de suas próprias diretrizes. Sua escrita é como que uma avalanche de signos imperfeitos que interagem e se digladiam no vazio de suas órbitas decapitadas, para refazer a percepção do mundo.

Se Estevam Dedalus me dá um norte, sob o prisma da mais sólida racionalidade; se Alex Santos me dá um sul à luz das imagens mais amadas; se Klebber Maux me aponta o oeste raro e aristocrático das formas artísticas, Kubitschek Pinheiro me leva ao leste do éden. E lá me deixa, perplexo e sepulto, entre larvas, cardumes, estrelas, incenso e magia.



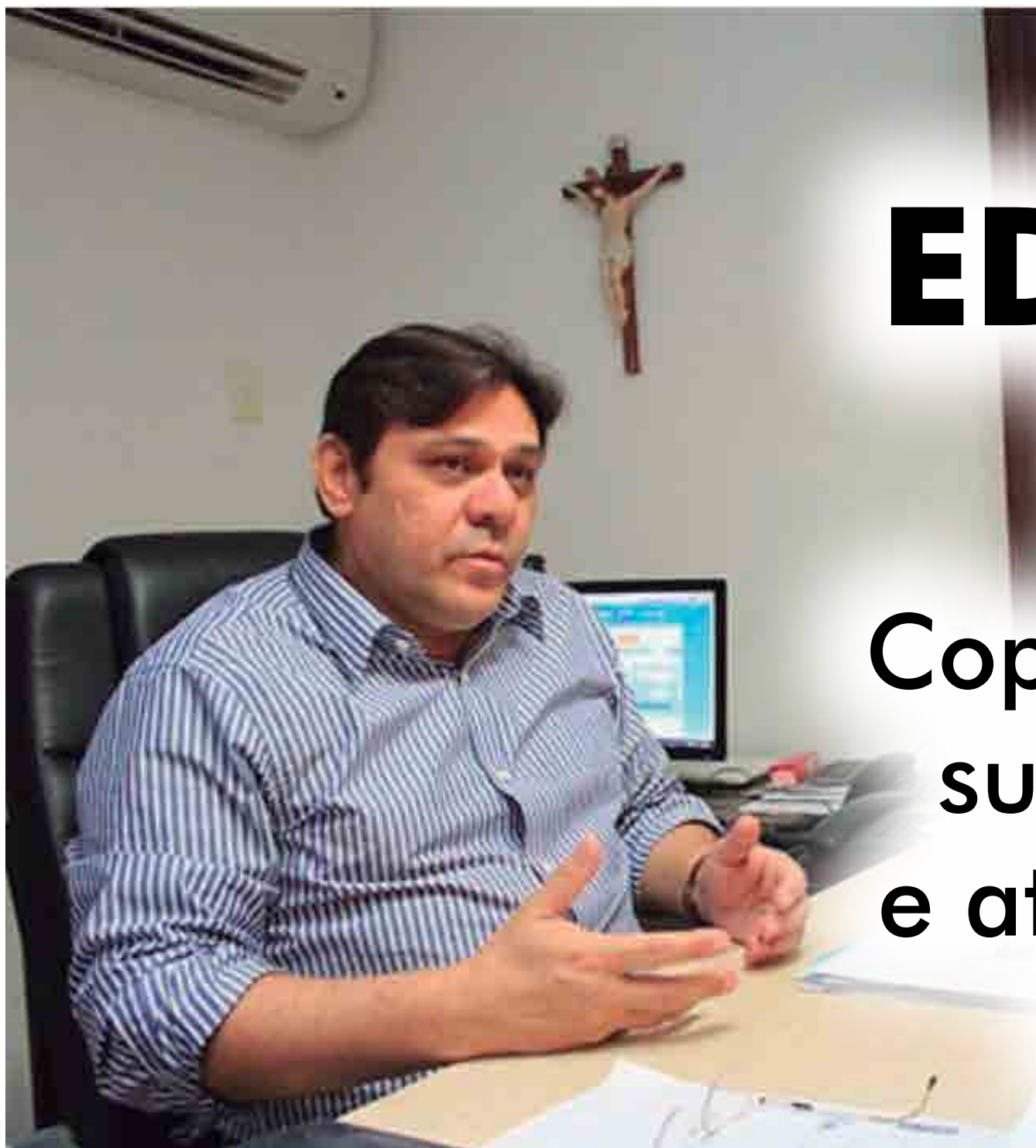
Foto: Divulgação

Sociólogo e músico Estevam Dedalus, colonista dominical de 'A União'

Colunista colaborador



Foto: Instagram/LigadoNordeste



# EDUARDO ROCHA

## Copa do Nordeste supera estaduais e até Flamengo já quis participar

**Ivo Marques**  
ivo\_esportes@yahoo.com.br

A Copa do Nordeste começou em 1994, após uma reunião das federações estaduais, em Macaé. Foram elas que administraram a competição até o ano de 2000, quando foi fundada a Liga de Clubes do Nordeste, que passou a organizar o evento. Já nos primeiros anos da nova administração, a competição se tornou muito forte e teve o apoio das TVs e chegou a ser apontada por todos como a copa regional de maior sucesso de público e audiência de todo o Brasil.

**/// Sem querer**  
desmerecer os estaduais, mas negociar um produto com as maiores equipes do Nordeste passou a ser bem mais fácil do que negociar apenas com as equipes locais **///**

“Até hoje, a Copa do Nordeste vem superando todas as outras competições estaduais do país, com exceção do Campeonato Paulista, mas São Paulo é o maior Estado do Brasil, é como se fosse outro país dentro do Brasil”, afirma o presidente atual da Liga Nordeste, Eduardo Rocha, um norterio-grandense, que foi eleito em 2018, para um mandato que se estenderá até o próximo ano.

No período de 2004 até 2009, a competição não foi realizada, porque a CBF resolveu extinguir todos os campeonatos regionais do país. A alegação foi que estavam dando prejuízo e não interessavam mais as TVs. Mas a Copa do Nordeste, antes chamado de Campeonato do Nordeste, era uma exceção, e os clubes nordestinos reivindicaram a continuação das disputas. Aconteceu uma briga judicial da Liga Nordeste contra a CBF, que terminou com um acordo em 2010, para que a liga realizasse

a competição durante as disputas da Copa do Mundo da África do Sul.

### Uma nova realidade

A partir de 2013, por causa do acordo, a CBF assumiu a coordenação do torneio, com a obrigação de realizá-lo por 3 anos, para cobrir os prejuízos causados com a interrupção do torneio. Depois, este prazo se estendeu para 5 anos, e o sucesso foi tão grande, que a entidade ficou com a organização definitiva, enquanto a Liga Nordeste com a administração financeira e de marketing do evento, além dos direitos dos clubes.

“Sem querer desmerecer os campeonatos estaduais, mas negociar um produto, uma marca, com a participação das maiores equipes do Nordeste juntas, passou a ser bem mais fácil do que negociar apenas com as equipes locais. Até os próprios estaduais melhoraram com a Copa do Nordeste, porque eles passaram a ser uma seletiva para a competi-

ção regional”, disse o presidente da Liga.

### Produto nordestino

Segundo Eduardo Rocha, o sucesso financeiro, de público e de audiência hoje da Copa do Nordeste é tão grande, que despertou uma inveja gostosa nas outras regiões do país, e nos dá orgulho.

“Vários clubes de outras regiões já pediram para participar da Copa do Nordeste, como por exemplo o Goiás e o Flamengo. Mas, respondi aos dirigentes deles, na época, e faço ainda hoje, que esta é uma competição genuinamente nordestina e não podemos colocar equipes de outras regiões. O presidente do Flamengo, na época em que fui vice-presidente, em 2015, Eduardo Bandeira, chegou a dizer que era um bairrismo nosso, mas se a gente não valorizar o que é nosso, os outros é que não vão valorizar. E quanto ao bairrismo, será que eles não têm contra nós nordestinos?”, perguntou o ex presidente do América de Natal.

### Pandemia

Havia uma grande expectativa em torno da Copa do Nordeste de 2020, porque segundo Eduardo Rocha, a competição, por coincidência, reuniu as camisas mais fortes e tradicionais do Nordeste. “Passamos a chamar a competição deste ano como a copa dos clássicos, porque temos o trio de ferro de Pernambuco, os dois maiores do Ceará, os dois maiores da Bahia etc. Essa pandemia pegou todo mundo de surpresa e afetou todas as áreas da vida, inclusive o futebol. Nós, é claro, também sofremos com isso. O correto sempre será jogos de ida e volta para o torcedor, mas tivemos de improvisar”, afirmou.

Sobre as perspectivas para a competição, Eduardo disse que a CBF está aguardando no momento um decreto de qualquer estado, permitindo a realização em sede única. “Se o Piauí disser ok, nós vamos para o Piauí. No momento, não é a CBF que decide e

sim as autoridades de saúde e estamos aguardando. Há indícios de que os estados da Bahia e do Ceará estão mais adiantados do que os outros”, informou o presidente da Liga.

### Perspectivas futuras

Mesmo com os prejuízos causados pela pandemia, o presidente da Liga Nordeste acredita em um sucesso cada vez maior da competição, que segundo ele já está consolidada.

“Eu sempre acreditei no sucesso da Copa do Nordeste e vejo o torneio ficar cada vez mais forte no nível técnico e no sucesso de público e mídia. A Copa passou a ser uma grande fonte de renda para os clubes da região e as federações, no primeiro semestre, e a tendência é que as premiações sejam cada vez mais altas no futuro. Além do mais, ela estimula a rivalidade saudável entre os estados”, concluiu Eduardo Costa, que aguarda só o ok da CBF para reiniciar e concluir a edição deste ano.

## + Vitória da Bahia é o maior vencedor, com quatro conquistas

**Ivo Marques**  
ivo\_esportes@yahoo.com.br

Um dos motivos que fizeram crescer ainda mais a Copa do Nordeste atualmente é a possibilidade dos times campeões de participar da Copa do Brasil, já a partir da oitavas de final. Antes, valia também a classificação para torneios importantes da América do Sul, não só do ponto de vista de visibilidade internacional para os clubes nordestinos, mas também pelo aspecto financeiro, já que a participação em cada fase destas competições, rendia uma boa premiação e grandes rendas.

Entre as edições de 1997 e 1999, por exemplo, o campeão

garantiu também uma vaga na Copa Conmebol, mas a partir das edições de 2000 até 2013, o campeão não garantiu mais vaga na competição, porque ela foi extinta. A partir das edições de 2014 até 2016, os campeões obtiveram vaga para a Copa Sul-Americana do mesmo ano. Mas foi a partir de 2017, que vencer a Copa do Nordeste tornou-se uma coisa ainda mais rentável. O clube vencedor passou a ter também uma vaga nas oitavas de final da Copa do Brasil, o que vale uma boa grana, já que é a competição de maior premiação no país. Porém, por outro lado, a CBF tirou o direito a uma vaga na Copa Sul-Americana. campeões

A Copa do Nordeste já teve 16 edições e o clube mais vezes campeão foi o Vitória da Bahia. O Rubro-negro baiano já conquistou quatro títulos do torneio. Em seguida, vem outra clube de Salvador, o Bahia, maior rival do Vitória, e o Sport de Recife. Os dois clubes já ganharam a copa três vezes cada. A partir daí, várias equipes conseguiram o título apenas uma vez. Este é o caso do Campinense, campeão em 2013, justamente na primeira edição que foi organizada pela CBF. Aliás, a final foi inédita na competição, porque o Rubro-negro de Campina Grande enfrentou o ASA de Arapiraca-AL, clube sem destaque no cenário brasileiro e até na região.

Foto: Rafael Ribeiro/CBF



O Campinense é o único time paraibano a ter conquistado o título, que aconteceu no ano de 2013



Foto: Projeto Bicho-Preguiça UFPB

## Cães e gatos viram ameaça a preguiças

Mais de 500 animais domésticos que invadiram cercas e hoje habitam o campus da UFPB provocam desequilíbrio ecossistêmico, atacando a espécie com frequência

### SERVIÇO

Em 2020, já foram resgatadas 69 bichos-preguiça, uma média de 11 animais/mês.

■ Janeiro foi mês de maior número de resgates: 17.

■ Em junho foram registrados cinco resgates.

■ Os bairros com maior número de resgates são Castelo Branco (22) e Bancários (seis).

\*\* Fonte: Polícia Ambiental

### Dina Melo

dinapereirademelo@gmail.com

A área de reserva florestal da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) esconde perigos para os 200 bichos-preguiça que habitam os fragmentos remanescentes de Mata Atlântica, especialmente quando esses simpáticos mamíferos descem dos galhos para a pista. Atropelamentos, choques elétricos, manejo inadequado por parte das pessoas e, mais recentemente, ataques de cães e gatos são riscos muito além do que a vida no habitat natural oferece.

Não há registros do número de exemplares mortos, mas a Comissão de Gestão Ambiental da universidade (que está em home office desde o início da pandemia) associa a redução ao impacto da chegada de animais domésticos ao campus - são mais de 500 cães e gatos atualmente domiciliados: "Catalogamos mais de 450 espécies da fauna e flora nos dez fragmentos de floresta verde, formando um patrimônio genético valioso. Mas a invasão de animais domésticos pelas cercas provoca um desequilíbrio ecossistêmico, com o risco de desaparecimento de exemplares, como alguns répteis, aves, anfíbios, e plantas, como já detectamos", lamenta o professor Tarcísio Cordeiro, do

Departamento de Sistemática e Ecologia da UFPB.

A estudante de Psicologia e protetora animal Emily Laisla foi à universidade no último dia 28, quando realizou a primeira experiência de resgate de uma preguiça. "Vi uma preguiça no estacionamento, indo em direção aos blocos do CCHLA [que abrigam os cursos de humanidades]. Fiquei preocupada pensando que ela poderia ser vítima dos cães, como nós, protetores, sabemos. Tentei ligar cinco vezes para a Polícia Ambiental, sem sucesso. Como não havia seguranças por perto, e os gatos começaram a cercá-la, contactei umas amigas estudantes de Biologia que me ensinaram como segurá-la. Ainda assim, fiquei com muito medo de ser arranhada. Levei-a até o outro lado da reserva do estacionamento, atravessei a cerca e a deixei", conta.

Outra protetora, Alice Brito, do setor de Editoração da Editora da UFPB, conta o que passou ao escutar outra espécie: "No último dia 24, me deparei com quatro cães acuando uma preguiça no chão, próximo ao Hospital Universitário. Já sabia de ocorrências passadas de ataques. Pedi orientações a outra protetora por telefone e reforço de um vigilante, que não me ajudou. Fica a pergunta: se já temos de lidar com os problemas

de cuidados e alimentação dos gatos aqui abandonados, como proteger os animais silvestres dos cães?", protesta.

As preguiças vivem, em média, 50 anos. De hábitos noturnos, costumam sair para comer brotos, folhas, frutos e raízes de algumas árvores como a embaúba, rica na região. Como os seus predadores naturais são o gavião-real, as onças, jaguatiricas e algumas serpentes - espécies ausentes aqui -, estariam teoricamente protegidas se não fosse a ameaça dos animais domésticos abandonados que, não castrados, criaram uma superpopulação.

### Orientações

"Quando um bicho-preguiça atravessa uma estrada, está fazendo para se alimentar ou acasalar. Por melhor que seja a intenção de protegê-lo, nunca se deve puxar o animal pela pata pendurada quando a outra está agarrada. Esta é a postura de descanso dela. Já houve casos de deslocamento de membros e rompimento de unhas por conta de arrancadas à força", completa. "Na possibilidade de risco iminente, a posição mais segura e confortável de resgate é erguê-la por debaixo dos braços [como se fossem as axilas]", orienta. Na dúvida, o ideal é isolar a área e acionar o Batalhão de Po-

lícia Ambiental pelo telefone 190.

O presidente da Comissão de Gestão Ambiental, professor João Moraes, disse que os seguranças e agentes de limpeza da instituição foram capacitados para manejar os animais, bem como bloquear o trânsito local quando elas estão em travessia. Porém, reconhece que a situação dos ataques é uma novidade difícil, que concerne à Comissão de Direito e Bem-Estar Animal (CDBA), vinculada à Reitoria, resolver.

Constituída em 2016, a CDBA conta com 11 membros para discutir políticas de melhorias para a saúde de todas as espécies na instituição, sendo silvestres ou domésticas. O seu presidente, o professor de Direito Francisco Garcia, informou que entidades de proteção animal pretendem mover uma ação civil pública na Justiça Federal perante a situação de abandono e perigo por que passam os mais de 500 cães e gatos do campus. Isso também envolve o caso das preguiças, para as quais não enxerga solução em curto prazo. "Temos registros e processos de numerosos ataques de cachorros a pessoas, animais doentes e portadores de zoonoses", alega ele, que também representa o representante do Núcleo de Justiça Animal (Neja) da universidade.



Foto: Acervo pessoal

A estudante de Psicologia Emily Laisla resgatou uma preguiça no domingo passado

### Essas coisas

Carlos Aranha

c.aranha@yahoo.com | colaborador

## Quando basta a ausência de ciúme

O que é o ciúme senão o ponto culminante de um renitente sentimento de posse? Ciúme dos filhos, das mulheres, dos homens, namorados e namoradas, figuras e casos. Ciúme dos livros, dos brinquedos, das flores, dos discos. O próprio som da fala ciúme chega a dar a impressão do sentido possessivamente seco da palavra, plural ou singular.

É fácil sempre enunciar a palavra ciúme quando a temática é passional, seja na Scarlet O'Hara de "...E o vento levou" ou até nas perplexidades existenciais da fantástica atmosfera de "Blade Runner" (foto).

Quantos ciúmes geraram tantos filmes, livros, poemas, canções e até discursos políticos e guerras santas ou não? Quantos homens e mulheres mudaram o curso da História por causa do ciúme?

Saindo da esfera de homens e mulheres apaixonados, até mais que Marília e Dirceu, que o casal de "Suplício de uma saudade" vivido por William Holden e Jennifer Jones, que Romeu e Julieta, Anayde Beiriz e Heriberto Paiva, chega-se ao ciúme dos objetos e das concepções.



Algumas pessoas esquecem que no caixão em que se enterra o cadáver, na urna em que se guardam as cinzas e nos rios e mares onde por vezes elas são jogadas, há tempo e espaço para possessivos objetos.

Mas o ainda novo século 21 (não completou um quarto) fez aumentar o sentimento de posse, que espalha-se por várias partes, cidades, famílias,

nações.

O eu, ou o limitado nós de uma descendência comum, faz com que mais que uma reforma política tornou-se urgente uma reforma existencial.

Uma aurora e um pôr do sol podem ser curtidos com exata intensidade quando a gente não desliza pela "sombra negra do ciúme". E entrar no mar sem ciúme? Quando é assim, a água salgada, o movimento das ondas, os reflexos lunares e solares, o sentir de peixes próximos e distantes, sejam botos ou tubarões, parecem ser partes integrantes dos nossos membros. São horas em que cada célula do corpo pensa e fala.

Com a ausência de ciúme, a pessoa pode sentir a sensação de atravessar uma árvore na Praça da Independência e compartilhar dos átomos que formam a Torre Eiffel, o Cristo Redentor, os trilhos e postes que dão voltas ao mundo. Para isso não é preciso queimar um baseado, cheirar pó, tomar birita ou recitar orações católicas, evangélicas, kardecistas ou umbandistas. Basta a ausência de ciúme.

Canta-se, toca-se, escuta-se. es-

creve-se, sente-se melhor quando o ciúme é chupado pelo buraco negro das posturas e razões que nunca voltarão.

Sem ciúme, o doce é menos amargo, a água do coco verde é menos sólida, o inhame no prato é menos duro. Sem ciúme, a paixão é mais elástica, perfeita e pura.

Enfim, para "relaxar" n'Essas Coisas - que também são sólidas, mas "se desmancham no ar" - vez em quando passeio pelas ciências da astronomia e da astrologia. É nesta que vejo (crendo e também não) que Peixes - signo de meu nascimento num 18 de março - é o mais preparado para a entrega amorosa de todos do zodíaco, mas, muitas vezes, exagera na dose. De repente, exagero e chego até a tomar umas de Old Parr. Piscianos se apaixonam, às vezes desesperadamente. Um Ballantine's até que dá pra segurar. Já cheguei a esquecer de mim e não tinha necas de uísque por perto. O que vale mais é que não há medo de amar, "ob-la-di, ob-la-da".

Gente, gente nossa, não deveria encerrar sem uma dose vocal, sem gelo, de Caetano Veloso:

"Tanta gente canta, tanta gente cala  
Tantas almas esticadas no curtime  
Sobre toda estrada, sobre toda sala  
Paira, monstruosa, a sombra do ciúme"



# 'PL da grilagem' deve afastar investidores se for aprovado

Presidente de grupo norueguês coleta assinaturas para pedir ao governo brasileiro empenho contra projeto

**Célia Froufe**

Correspondente da Agência Estado

Londres - Coletor das assinaturas de 30 instituições financeiras que querem falar diretamente com o governo brasileiro para que seja mais enérgico em relação às questões ligadas à produção na Amazônia, Jan Erik Saugestad, presidente executivo do Storebrand Asset Management, um grupo norueguês que gerencia US\$ 80 bilhões, disse que além do aumento do desmatamento, uma das maiores preocupações dos investidores estrangeiros é em relação à aprovação do Projeto de Lei 2 633/2020, conhecido como o "PL da grilagem". "Fortemente insistimos ao governo que não deixe esse projeto passar da forma como está", afirmou ele em entrevista por vídeo ao Estadão/Broadcast.

Para o executivo, essa é a parte que falta para os investidores ficarem ainda mais reticentes com o Brasil.

## A entrevista

**Por que o sr. decidiu formar o grupo e mandar a carta ao governo brasileiro?**

As instituições financeiras e os investidores que se juntaram a nós estão profundamente preocupados com o aumento do desmatamento no Brasil visto no ano passado. Trabalhamos com interesse de longo prazo e, por isso, sabemos que proteger as florestas tropicais é importante não apenas por causa da mudança climática, mas porque temos de estar apoiados em uma economia sustentável.

**E a pandemia de covid-19 deixou isso mais claro, eu imagino.**

Uma recuperação sustentável da economia pós-covid-19 inclui uma dimensão social, isso é importante. Nor-

malmente, tendemos a nos engajar diretamente com as empresas, como o esforço feito no ano passado para combater o desmatamento com o apoio de mais de 250 instituições financeiras à iniciativa.

Temos iniciativas em andamento que cobrem a produção de soja e gado. Mas é o governo que faz as políticas e o arcabouço regulatório com as quais as companhias trabalham.

Então, para nós que investimos em empresas, também é importante que as políticas sejam previsíveis e alinhadas com o que acreditamos ser um desenvolvimento sustentável. // Os investidores estão profundamente preocupados com o aumento do desmatamento no Brasil... E nós temos de estar apoiados em uma economia sustentável //

Desta vez, decidimos não fazer isso de forma indireta com as companhias, mas, sim, de forma direta num diálogo com o governo.



Foto: Pixabay

Combater o desmatamento, defendendo o meio ambiente, é hoje essencial para atrair investidores, segundo o executivo norueguês Jan Erik Saugestad

**O volume administrado por esses fundos que assinam a carta é de US\$ 3,75 trilhões? Que parte dele está alocada no Brasil?**

Sobre o Brasil, adoraria ter esse número, mas não tenho. Até porque, desde que fizemos o anúncio, outros investidores quiseram fazer parte dele - e ainda está aberto - e agora temos mais de US\$ 4,1 trilhões.

**Algumas pessoas avaliam que pode ser um blefe dos investidores dizerem que vão sair do Brasil. O que o sr. diz?**

Assim como escre-

vemos na carta, gostaríamos de permanecer com os investimentos no Brasil. É muito bem-vindo o desenvolvimento econômico, mas é preciso proteger o meio ambiente. Não acreditamos que essas coisas sejam excludentes, e temos um dever fiduciário.

**O foco agora do investidor estrangeiro parece estar no 'PL da grilagem', que**

**está para ser votado no Congresso. Se for aprovado, o risco de investidores estrangeiros saírem do Brasil é maior?**

Acho que esta é a parte que falta no quebra-cabeças. Claro que será muito negativo se esse projeto passar porque legaliza

a ocupação e encoraja mais o desmatamento. Não há dúvida de que isso será muito negati-

vo. E temos de ter a fotografia completa para tomar nossas decisões. Fortemente insistimos ao governo que não deixe esse projeto passar da forma como está.

A ministra da Agricultura, Teresa Cristina, disse que é o Brasil que solicita que a agricultura mundial adote práticas de sustentabilidade.

Cada país tem de trabalhar com suas questões e elas mudam de um lugar para o outro. Mas claramente no Brasil o desmatamento é um ponto-chave dado o fato de que a floresta tropical é um elemento importante para o mundo.

## Toca do Leão

**Fábio Mozart**  
colaborador

# Diário da casa amarela

Quando comprou a casa, inaugurou seu momento de realização plena, junto com o jardim modesto, as estruturas antigas e sólidas, a pracinha, o jeito de comunidade harmoniosa. "É aqui que eu vou morrer", refletia com feliz taciturnidade. Comprou e vem pagando os juros hiperbólicos do banco usureiro e oficial. Sabe que abotoará a jaqueta amortilhada sem saldar o débito iníquo.

Aposentada, cuidava de suas plantinhas no fundo do quintal concretado. Verdes joias a debulhar-se nos jarrinhos. Alecrim, agrião, alfazema, alcaçuz, babosa, boldo-do-chile, camomila, carqueja, erva-cidreira, jaborandi, malva, macela-do-campo, tudo pela ordem alfabética, dispostas conforme seu jeito metódico. E anotava no caderno os pequenos lances do dia a dia.

Fazia sessenta e cinco anos diluída nas lembranças fragmentadas de uma existência corriqueira. Professora rudimentar, como se dizia nos tempos do Onça. Acomodada com o cônjuge. Palavra tão antipática quanto o magistrado ignorante. Marido ídem. E ausente. Desfeito no ramerrame de longa maridagem despovoada de benquerença. Ia levando, porque a medida da mulher é ser deserto, pensava. Cultivava seus si-

lenciosos vendavais.

Dez anos de domicílio, serena e cordial com os vizinhos. Ensinando receitas, trocando pratos. Necessidade de dialogar com pessoas positivas e inspiradoras. Aparecia toda tarde na casa do velhinho diabético e cadeirante para um dede de prosa, um chá calmante, uma reza de resistência.

Anotou no diário: "Hoje mandei destelhar a casa. Encontrada foto da antiga dona. Plantarei rosas e violetas em sua homenagem. De certa forma ela é minha amiga de moradia. Viveu aqui tanto tempo. Sinto que ela me espia pelas frestas das portas, acho que comovida pelos meus cuidados com seu antigo lar. Pinte de amarelo. Li nesses almanaques inúteis que o amarelo corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática, cujo comprimento de onda é de 597 nanômetros. Noção zero do que isso significa. Mas acho o louro das paredes cativante".

Dois anos atrás, o diário registrou a primeira queixa de vizinho: "Instalaram uma oficina de lanternagem na parte de trás da casa. De maneira que ando irritada, desconfortável com os sons".

Quinze dias após a anotação, lançou no caderno: "Quase nunca estou indo ao quin-

tal. Minhas plantinhas abandonadas. Não vou além da cozinha. Os ruídos desequilibram meu organismo".

Sua vida passou a pulsar ao som agudo dos martelos e o barulho estridente das serras elétricas cortando o aço. No médico, soube que sofria de hiperacusia, ou fonofobia. Tinha audição excessiva, intolerante aos sons. Zumbidos, cefaleia, vertigens. Frustração e irritação.

Passou à guerra aberta contra o estabelecimento. Seis meses depois da primeira martelada, escreveu: "Marquei para ir ao Ministério Público denunciar o abuso. Levarei laudos médicos. Meu marido se recusa a me apoiar. Sinto-me completamente sozinha. Penso em deixar a casa, não sei que destino tomar".

Martelo em lataria tanto bate até que desperta a agência do meio ambiente da Prefeitura. O acordo: a oficina usaria um abafador eletrônico e estufas acústicas. Deu-se o armistício precário.

Depois vieram os dias penosos do confinamento. Os empregados fecharam a oficina e foram curtir suas tristezas e espantos nas suas casinhas de subúrbio. Outros saíram à caça rara de ocupações clandestinas. Um deles ficou na vigilância das garagens.

Fenômeno social da pandemia abateu todo

mundo. Na casa amarela, sentimentos de vazio, insônia, ansiedade e uma incontrolável angústia. O diário apontou: "A ameaça desse vírus parece que tem me causado transtorno depressivo". Na comunidade, o silêncio só era quebrado pela TV do vizinho, ligada vinte e quatro horas nos canais católicos, transmitindo uma reza interminável. Pouco a pouco começaram a concentrar todo o sentido da vida na reflexão patológica daquela doença e seu contágio. Ela e o marido, presos num círculo de solidão ilimitado como a "Ave Maria" do rosário insano do vizinho.

No vigésimo oitavo dia do isolamento, ela despertou com a sonância do malho no aço. A oficina voltou a funcionar. Tossiu, botou a máscara inútil, saiu da frequente insônia para o quintal. A manhã silenciosa emoldurava o ruído do ofício sendo retomado. O raspar metálico não provocou neurastenia. Outros sons acompanhando o levantar do sol, compoem a orquestra de um cotidiano de ostensiva normalidade. Voltou ao quarto e escreveu: "Graças a Santo Elói, protetor dos metalúrgicos, a oficina voltou ao trabalho. Essa esperança de normalidade me acalma. Estava com medo de não receber mais meus proventos de aposentada. Sem trabalho, não haveria impostos". No quintal, o ruído se ampliava.



# Na pandemia, a fé pode ser refúgio diante de incertezas

Ao longo da história, a humanidade tem buscado socorro na religião em momentos de desespero e medo

**Júlia Corrêa**  
Agência Estado

Nos últimos tempos, mesmo quando se busca o autocontrole, são recorrentes as alterações de ânimo e a intensificação de ansiedades por causa da pandemia. Não é de se estranhar, portanto, que a própria relação das pessoas com a fé esteja sendo afetada. Em alguns casos, os sentimentos de vulnerabilidade e de fragilidade diante da pandemia podem levar os indivíduos a questionar as suas convicções. Em outros, podem fazê-los buscar meios para fortalecê-las.

Ao longo da quarentena, a advogada Gabriela Sammarone, de 24 anos, viu a sua fé oscilar entre esses dois polos. Ela se sentiu especialmente abalada quando um parente morreu (por outra causa que não a covid-19) e, devido às atuais restrições, não pôde ir ao velório. "Sou uma pessoa ansiosa, mas de muita fé. Acredito em várias energias. Entendo que Deus está dentro de mim e me conhece melhor do que ninguém, mas fiquei me questionando por que aquilo tinha que ocorrer justo neste momento."

Passado o período de maior tristeza, Gabriela optou por "preservar a paz" que a sua crença sempre lhe proporcionou. "Sei que, se eu ficar procurando todas as respostas, a minha fé vai ser abalada, mas eu não quero perdê-la", diz. "Em tese, a gente já acredita em um Deus invisível, intangível; agora, estamos lidando com a força de um vírus invisível. Compreender tudo isso exige muito esforço."

É nesse sentido que, para a psicanalista Danit Zeava Falbel Pondé, essa "mudança invasiva que interrompe a continuidade de nosso cotidiano" pode implicar uma reação "de ordem passiva ou criativa". Em sua avaliação, o coronavírus não tem um sentido por si próprio; são os seres humanos que têm a capacidade de dotá-lo de significados, e isso se origina "diretamente da nossa capacidade de construir um mundo interno". Ela explica que essa habilidade envolve ainda uma outra: a de saber conviver com as dúvidas que surgem em momentos incertos.

Foi para buscar um sentido para o que tem ocorrido que o casal Maria Alice e Eduardo Shahid, de 63 e 66 anos, passou a acompanhar cultos religiosos da Igreja Batista. Católicos não praticantes, eles frequentam, há sete anos, um grupo de estudos bíblicos, conduzido pelo pastor Paulo Eduardo Vieira, da Primeira Igreja Batista de São Paulo, que continua a ocorrer semanalmente, mas agora pela internet.

"Antes eu tentava ler a Bíblia, mas não conseguia aprofundar como eu gostaria. Por apreciar o trabalho do pastor Paulo, que nos faz entender os versículos com maior facilidade, passamos a acompanhar algumas cerimônias de sua igreja. Agora, diante da ansiedade que a pandemia traz, assistimos aos cultos pelo YouTube, em busca de serenidade e esperança neste momento", explica Maria Alice, isolada com o marido desde 23 de março, em Ubatuba. "Há diferenças em relação ao catolicismo, mas os fundamentos são os mesmos, e o pastor transmite segurança e propriedade naquilo que fala, sem recorrer a uma visão apocalíptica. Isso tem fortalecido minha espiritualidade", relata Eduardo.

/// O nosso erro foi acreditar que o homem moderno daria conta de tudo e que não haveria nada mais que nos abalasse por termos a ciência como escudo ///

## + Necessidade de amparo

De acordo com o mestre em ciências da religião e doutor em filosofia Andrei Venturini Martins, as pandemias "sempre foram momento de um índice muito alto de conversões". Em alguns períodos, isso se devia às próprias configurações sociais, como na Idade Média, quando não existia a noção científica sobre micro-organismos, e as religiões exerciam um papel fundamental, com padres e sacerdotes tidos como grandes arautos.

Mas as razões para os indivíduos buscarem o amparo em certas crenças podem ser mais profundas, e Martins usa a imagem proposta por um conhecido filósofo alemão do século 19 para explicá-las: "Schopenhauer tem uma metáfora para isso: imagine que você é um barquinho no mar revolto. A tempestade joga você no fundo, te machuca, e você não sabe de onde vem aquilo. Num dado momento, percebe que aquela fúria estava dentro de você também, mas se você se concentrar nisso, entrará em desespero. Assim, é necessário um desvio, que, para Schopenhauer, seria a necessidade da ascese filosófica e artística. Mas ele abre uma brecha para se pensar na religião, sobre como ela pode nos ajudar a nos desviar desse aspecto desesperador do mundo".

### Ciência e natureza

Considerando tal necessidade, Danit Zeava Falbel Pondé ainda ressalta que a fé de alguns pode se voltar para a ciência ou as ideologias. "O nosso erro foi acreditar na idade da razão, que o homem moderno daria conta de tudo e que não haveria nada que nos abalasse por termos a ciência como escudo", avalia. A visão de Martins é similar: "Diante da força voraz da pandemia, o ambiente científico que se inicia no século 19 e ganha corpo nos séculos 20 e 21 não vai desaparecer, mas seu discurso vai ter obstáculos. John Gray (filósofo britânico) fala que um dos erros da humanidade foi acreditar na autossuficiência dos humanos, como se o avanço da ciência estivesse desvinculado da natureza."

Como explica o psicólogo Felipe Pimentel, que atualmente se dedica ao tema do luto, o exercício de uma religião é uma das "últimas noções de participação comunitária na qual a comunidade em si é o que dá sentido à prática" - uma diferença fundamental ao compararmos com outros ambientes que deixamos de frequentar neste momento. Ao longo deste período de isolamento social, por exemplo, importantes datas religiosas tiveram as suas celebrações afetadas, como a Páscoa cristã e Pessach judaica.

Na visão de Andrei Venturini Martins, com a transposição de alguns rituais para o ambiente virtual, uma tendência pode se acentuar: trata-se do que ele chama de "religiões de gaveta". Com o acesso a informações sobre diferentes práticas, as pessoas poderão desenvolver uma relação menos institucionalizada com a fé, baseada no cruzamento dos valores que lhes fazem sentido.

É claro que a transmissão de cerimônias pela internet pode atenuar a falta que os encontros fazem aos fiéis. Mas, como comenta Pimentel, quem frequenta celebrações não vai apenas para ouvir, mas para receber passes e se confessar, entre outras práticas que geram sensação de proteção e de segurança.



Foto: Pixabay

/// Diante da força voraz da pandemia, o ambiente científico, que se inicia no século 19 e ganha corpo nos séculos 20 e 21, não vai desaparecer, mas seu discurso vai ter obstáculos ///



# Incentivo a habilidades eleva os índices escolares no Estado

Escola Cidadã Integral desenvolve potencialidades dos alunos na área de tecnologia e com foco na sustentabilidade

**Márcia Dementshuk**  
Especial para A União



Chega o período de chuvas em Cajazeiras, no Sertão da Paraíba, e Filipe Cândido Soares Abrantes observava a grama crescendo e virando mato. Os jardins da escola não estavam mais atraentes, o que incomodava o estudante diariamente. “É só cortar essa grama”, ele pensava. Mas não havia cortador elétrico e o trabalho seria exaustivo manualmente.

“Eu tentei montar um cortador de grama usando um motor de liquidificador, arames e um cabo de vassoura. Não deu muito certo, mas ajudou”, contou Filipe. A diretora da escola em questão – Escola Cidadã Integral Crispim Coelho, a “Estadual” – professora Elizângela Paiva revelou a modéstia do estudante. “Que nada. O cortador funcionou muito bem. Conseguimos aparar os jardins, arrumamos as plantas e ficou lindo. Sem isso nem teríamos começado o trabalho”, afirma.

E de onde veio a ideia de fazer a máquina? “Eu vi um

protótipo feito por um amigo e tentei melhorar. Ele fez um cortador de capim fixo, não tinha um cabo grande e não era muito eficiente pra cortar o capim. Eu resolvi acrescentar um arame, um cabo de vassoura, passei no mato e cortei”, explicou Filipe.

Filipe também montou um museu. Ele ouvia falar que aquela tinha sido uma escola muito boa, referência em Cajazeiras, mas passava por um período de descrédito. “Não havia muitas informações antigas sobre nossa história; eu não sabia a quantidade de troféus que a escola tinha. Estavam todos num galpão. Quando fui ver, tinha mais de 200, sem que ninguém soubesse. Fiz uma prateleira de pallet para expô-los. Achei um mimeógrafo, uma máquina de escrever antiga. Consertei um retro-projetor bem antigo, com a lâmpada ainda funcionando. Achei um monte de disquetes; uma TV preto e branco, de seis polegadas e as fichas dos dez primeiros alunos da escola”, relatou.

O nome era “Museu ENAT – Estadual nos Ares do Tempo”. Foi um projeto para a Feira de História, feito em grupo. É possível fazer uma visi-

“As pessoas não davam a chance de eu exercer um protagonismo. Agora eu sei que tenho capacidade de criar soluções e até ajudar minha família”

ta ao ENAT, que fica em uma das salas da escola, quando a pandemia passou. Filipe ainda consertou ventiladores e fez uma série de coisas. Aprendeu por conta própria e contou com o apoio dos professores no que precisava.

Hoje com 15 anos de idade, no 1º ano do Ensino Médio, quando confrontado com a necessidade de equipamentos para o tratamento da covid-19, Filipe projetou um respirador mecânico, mas por enquanto não conseguiu tirar do papel por causa da interrupção das aulas presenciais. Ele precisaria de recursos dos laboratórios de química e de robótica.

“Nas escolas por onde passei, as pessoas não davam a chance de eu exercer



Fotos: Divulgação

Desde o primeiro ano do Ensino Médio, os estudantes conhecem conceitos de empreendedorismo e ferramentas de planejamento

um protagonismo. Agora eu sei que tenho capacidade de criar soluções e até ajudar minha família nesse momento difícil. Na hora que a senhora [a reportagem] me ligou eu estava indo até a estrada, deixar um pedido”, disse.

A mãe de Filipe está fazendo um tratamento custoso para se recuperar de

problemas na coluna. Seu pai trabalha como motorista de ambulância. Para fechar as finanças da família eles tiveram que sair da cidade de Cajazeiras e se mudar para um sítio em um pequeno município vizinho, mas que mesmo assim fica um pouco distante. Porém, Filipe já acertou um lugar para dormir em Cajazeiras durante a

semana, quando as aulas voltarem. Enquanto isso, além de continuar “inventando” e acompanhando as aulas não presenciais, ele montou um empreendimento caseiro. Produz pastéis, que ele mesmo cozinha, e vende por encomenda, com caldo de cana. Uma solução temporária, até que a mãe fique bem.

## Sonadores, óculos sensores e outras invenções

“Nossa escola era desacreditada. Uma escola de 59 anos, mesmo com um currículo imenso de vitórias. Depois de uma reforma e da implementação do modelo integral, começamos o ano letivo de 2019 com 63 alunos, desmotivados, pais desconfiados. No entanto, sabíamos que o que esses jovens queriam era que suas vozes fossem ouvidas, que alguém acreditasse neles e sonhassem com eles seus sonhos. Dando oportunidades, ouvido-os e sonhando juntos, esses meninos e meninas têm outra perspectiva. Hoje temos 279 sonhadores”, conta a diretora Elizângela Paiva, da Escola Cidadã.

Francisco José Ferreira da Silva, 18, sonhou tanto que fez, no ano passado, óculos sensor que avisa pessoas cegas quando há um obstáculo à frente. É um complemento para a bengala, sendo que esta identifica o que está próximo ao chão. Os óculos emitem um sinal sonoro quando o obstáculo está sensível da cintura para cima.

“Os professores deram o desafio de trabalharmos em grupo em algum projeto que trouxesse benefício para pessoas. Daí veio a ideia dos óculos, reconhecendo a dificuldade das pessoas cegas. Nós tivemos aula de robótica e aprendemos algumas coisas de arduino [software usado para programar os sensores]. Também aprendemos coisas pela Internet e montamos os óculos”, narra Francisco.

### Criatividade na quarentena

Agora em quarentena, em casa, FraAgora em quarentena, em casa, Francisco está testando um gerador de hidrogênio que substitui o combustível fóssil de veículo automotor. Ele enviou um vídeo mostrando o equipamento instalado em uma motocicleta, funcionando perfeitamente. “Não repara, é um protótipo”, disse, justificando os fios do gerador, ainda em construção.

As disciplinas como Matemática ou Português não perdem suas importâncias no currículo, mas mesmo assim a escola continua incentivando outras habilidades. Com isso, ela registrou aumento nos índices escolares. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), por exemplo, saltou de 2,6 para 4,9. Também é a segunda melhor escola na 9ª Regional de Ensino da Paraíba em resultados do ENEM, e entrou para o “TOP 10” entre todas as escolas da cidade, públicas ou privadas, em termos de resultado.

### Intercâmbio

A deputada Rosa Neide (PT-MT), da Frente Parlamentar em Defesa da Escola Pública e em Respeito ao Profissional da Educação, contou que por volta de 2013 havia um movimento dos grupos representativos da educação em visitas à Finlândia para verificar qual seria o motivo do sucesso da educação naquele país e tentar aplicar na educação brasileira.



Protótipo de gerador de hidrogênio em teste

Segundo a deputada, descobriu-se que a formação dos professores de ensino básico finlandês era, no mínimo, em nível de mestrado, e que os salários da categoria eram os melhores do mundo.

O Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria Estadual da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT), enviou o primeiro grupo de professores em intercâmbio pelo Programa Gira Mundo em 2017. Giovania Lira, uma das professoras integrantes desse grupo, disse que o objetivo era identificar metodologias inovadoras. “Nós saímos da Paraíba com a proposta de voltarmos com um produto na área do empreendedorismo educacional”, revelou. Mal sabia ela que sua vida e a vida dos outros intercambistas estava prestes a ser impactada.

O grupo vislumbrou uma metodologia diferenciada aplicada no norte do continente europeu e trabalhou na adaptação para a realidade do Nordeste brasileiro. “Depois de passarmos um período na Universidade de Ciências Aplicadas de Tampere, na Finlândia [TAMK, na sigla em finlandês] entendemos que o empreendedorismo está relacionado com desenvolvimento de vida. É o empreendedor juntamente com o ‘ser’. Como eu posso ‘ser’ um agente de impacto?”, explicou a professora Giovania.



A nova metodologia melhorou índices escolares como o do Ideb

## Projeto para toda vida

Lado a lado com a professora Iolanda Cortez, colega de intercâmbio, a equipe da SEECT modelou uma estratégia diferenciada de ensino que inicia confrontando o estudante com seu futuro: “qual o seu projeto de vida?”. A partir daí, a trajetória inicia no presente, com ações destinadas a moldar um caráter autoconfiante, solidário com o próximo e com uma visão de desenvolvimento sustentável.

Enquanto os estudantes “sonham”, planejam o futuro racionalmente. Durante o primeiro ano do Ensino Médio, os estudantes participam da disciplina “Colabore Inove”, onde se deparam com conceitos de empreendedorismo, ferramentas de planejamento, de gestão, além de descobrirem a existência de uma mobilização global, considerando os 17 objetivos de desenvolvimento sustentáveis, diretrizes da ONU para alcançar metas até o ano de 2030, que garantirão melhor qualidade de vida para a população do Planeta.

Essa metodologia adaptada começou a ser empregada nas Escolas Cidadãs Integrais e as técnicas em 2017. Elas vêm desde então sendo aperfeiçoadas. Existem 229 escolas cidadãs na Paraíba (35,44% da rede), sendo 100 delas integrais técnicas (ECITs) e 129 propedêuticas (ECIs). Os estudantes da ECI Crispim Coelho, Filipe e Francisco, gostariam que todos os alunos pudessem, uma vez na vida, ter essas experiências.

O professor da disciplina Colabore Inove, Renato Nunes, que também dá aulas de Física, fala do quão gratificante é presenciar esse desenvolvimento. “Essa disciplina foi iniciada no ano passado para nós e foi um desafio. Vai além da construção de produtos. Temos experiências com serviços, como o ‘Corte de Cabelo Solidário’, feito no ano passado. Os jovens passam por experiências de vida. Eu era apenas professor de Física e hoje sou professor de vidas”, comemorou.



Óculos sensor, desenvolvido por aluno, que avisa às pessoas cegas quando há um obstáculo pela frente





A tela 'Grito do Ipiranga', pintada em Florença (Itália) e concluída em 1888, está exposta no Museu do Ipiranga, em São Paulo, atualmente

## O gênio da pintura que encantou o mundo

Pedro Américo é o artista plástico mais citado do período do Império e suas obras são aclamadas em vários países

**Lucilene Meireles**  
Especial para A União

Traços perfeitos, cores primorosas, detalhes precisos e perfil comparado aos mais renomados artistas plásticos da história da pintura mundial. Assim era Pedro Américo, nascido em Areia, município do Brejo paraibano. Ele se tornou o mais citado dos artistas do Império. Mesmo famoso, não estacionou nas artes plásticas, viajando também pelo mundo das letras. As obras literárias, porém, embora valiosas, não alcançaram o mesmo patamar de sua intimidade com o manuseio de telas e pincéis. "Com sua arte, o menino que saiu de Areia ganhou o mundo", resumiu o artista plástico paraibano Flávio Tavares.

Homem de múltiplas faces, Pedro Américo foi desenhista, ensaísta, teórico de arte, professor e, incansável, atuou ainda na política. Estudou em Paris, onde conheceu outros artistas de destaque internacional. Fez doutorado em Ciências, estudou Anatomia e Filosofia. Era um homem de personalidade forte, tinha ciência de seu prestígio social e cultivava o amor pela família.

A fama do maçom se propagou para outros países. "Ele sentiu e respondeu, como poucos de seu tempo, às carências de sua sociedade. O Brasil do século XIX, recém-liberto de seus vínculos com Portugal, lutava para superar um conjunto complexo de limitações herdado de sua condição de colônia", destacou o escritor e professor Silvano Bezerra, do Centro de Comunicação,

Turismo e Artes (CCTA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Na época, de acordo com ele, a economia do país era baseada na agricultura, sustentada pelo trabalho escravo. As cidades sem infraestrutura não contavam com estradas, nem escolas. "O primeiro censo nacional, realizado em 1874, mostrou que 90% dos brasileiros eram analfabetos. Portanto, o país precisava de cérebros, para poder crescer e agigantar-se. Desde criança celebrado como prodígio, tomou para si o desafio de ser gênio em terra arrasada. E assim fez, envolveu-se em sem-número de atividades, dividindo-se entre afazeres complexos e todos de distinção", relatou.

Pedro Américo, segundo Silvano, tem um nome muito grande. "E

seu nome continuará a brilhar na constelação de grandes brasileiros que procuraram construir grandes representações artísticas. E sua vida e obra sempre serão revisitadas. E é ótimo que isso aconteça. Porque ninguém dedica pesquisas (monografias, dissertações, teses, ensaios) e artigos jornalísticos a assuntos de pequena repercussão. Quanto mais se estudar Pedro Américo, mais virão à tona aspectos importantes de sua vida e obra que, por muitas razões, nos enchem de orgulho e admiração", acrescentou.

### O início de tudo

Pedro Américo iniciou sua trajetória profissional aos 10 anos de idade como 'desenhista gratuito'. Aos 13 ou 14 anos, segundo o escritor e profes-

sor Silvano Bezerra, já estudava na Academia de Belas-Artes e, a pedido do monsenhor Félix Maria de Freitas e Albuquerque, governador do Bispado do Rio de Janeiro, passou a executar retratos e quadros a óleo sobre temas religiosos. Aos 16 anos, foi para a Escola de Belas-Artes em Paris. Sua primeira obra de pintura histórica no Brasil foi a Batalha de Campo Grande, em 1871, e se tornou oficialmente Pintor Histórico da Imperial Câmara. "Pedro Américo é o artista plástico brasileiro mais conhecido, disso não tenho dúvida. Em vida, ele foi celebradíssimo, como também invejadíssimo; morto, seu nome é obrigatório sempre que se fizer referência às artes plásticas do Segundo Reinado. Daí a sua relevância para o cenário cultural nacional", enfatizou Silvano Bezerra.

## + Estilo neoclássico do paraibano é considerado "insuperável"

"Pedro Américo se enquadrou no estilo neoclássico, junto com outros artistas plásticos de Florença, na Itália, onde já existiam os movimentos pré-impressionistas. Avançou muito na ideia do romantismo também, com um desenho fenomenal. Daí a importância absoluta de um menino que saiu de Areia e ganhou o mundo. Ele é insuperável", declarou o artista plástico, também paraibano, Flávio Tavares.

Um dos quadros mais admirados por Tavares é o 'Rabequista Árabe'. "Esse quadro é fantástico. Dentro do campo da imagem, seria uma obra próxima a um Caravaggio. Ele tem uma translucidez. O domínio do branco da pintura é muito difícil. A expressão da menina é fora do comum. É o domínio de mestre absoluto", descreveu.

O 'Grito do Ipiranga' também é considerado por Tavares como algo próximo ao grande mestre Eugène Delacroix, com movimento, domínio dos cavalos, pessoas nas batalhas. "É uma epopeia para quem desenha, um grande desafio. Ele era um grande barroco, conseguia agrupar um número enorme de pessoas, animais, explosões. Tem que ser estudado porque foi além do seu tempo, um artista fenomenal, com obras de difícil execução.

Foto: Reprodução/ Museu Nacional de Belas Artes



'Rabequista Árabe' (esq), de 1884, e 'A Cabeça de Cristo' (dir.), de 1885, ambas pinturas a óleo sobre tela

É como pegar uma sinfonia de Beethoven, uma ópera grandiosa que só os gênios sabem executar", elogiou.

A 'Cabeça de Cristo', de 1885, óleo sobre tela, também é um dos destaques. O quadro

Foto: Reprodução/ site Vírus da Arte & Cia



faz parte do acervo do Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAAC), em Campina Grande. "É muito difícil falar com palavras o que é Pedro Américo, ele é a plasticidade, é um pintor de verdade, um grande gênio", concluiu.

### Museu em Areia

"A Casa de Pedro de Américo é, em si mesmo, um monumento ao pintor e intelectual paraibano, já que ali ele nasceu e viveu parte de sua infância", declarou o escritor Silvano Bezerra. Nas dependências do pequeno imóvel de dois ambientes, segundo ele, estão peças importantes da vida do artista, inclusive alguns de seus desenhos originais. "É passagem obrigatória a todos que visitam a cidade serrana, e é a única que ostenta o nome do insigne paraibano. Tenho especial admiração pelo museu, e percebo os esforços da Prefeitura de Areia, através das secretarias de Cultura e de Turismo, para fortalecê-la" completou.

Para Flávio Tavares, o espaço é fundamental para guardar a memória de Pedro Américo. "O Museu de Areia é muito íntimo, bastante importante sob o ponto de vista da infância dele. Tem alguns desenhos que o padre Ruy fez com grande heroísmo. É um museu que merecia até ter um respeito maior, à altura do artista que pouca gente conhece. A cultura do Brasil hoje está muito esmagada", afirmou.

## Cinco romances e vários ensaios literários publicados em vida

Contrastando com a importância e destaque de Pedro Américo nas artes plásticas, seus trabalhos literários foram menos reconhecidos. As obras escritas por Pedro Américo, segundo Silvano Bezerra, permaneceram por mais de 100 anos fora do circuito livreiro. "E, portanto, desconhecidas do leitor brasileiro, o que é, para mim, fato curioso e inexplicável", disse.

Segundo o escritor, embora o nome de Pedro Américo seja bastante conhecido, até pelo leitor médio brasileiro, suas obras foram mantidas no esquecimento até 1999, quando a Editora da UFPB iniciou um trabalho de reedição de obras do grande paraibano, com a publicação de 'A ciência e os sistemas: questões de história e filosofia natural'. A editora da UFPB também republicou 'O

Holocausto' e 'Amor de esposo'. Já A União Superintendência e Editora reeditou uma das obras importantes de Pedro Américo, em 2015, os 'Discursos parlamentares: 1891 a 1892'.

Assim, em um período de 68 anos, Pedro Américo conseguiu escrever quatro romances. Além de 'O holocausto' e 'Amor de esposo' (1886), estão ainda nessa lista 'O foragido' (1890) e 'Na cidade eterna' (1901).

### Passagem pela política

Em 1891, foi escolhido deputado federal pela Paraíba, para a Primeira Constituinte da República. Participou de comissões internacionais sobre direitos autorais, representando o Brasil na Europa.

Ao longo da vida, Pedro Américo fez várias viagens à Europa, e residiu em Florença, na Itália.

### VOCÊ SABIA?

■ A obra 'A Batalha do Avaí' foi pintada em Florença, entre 1872 e 1877. A tela, segundo o escritor e professor Silvano Bezerra, é a maior obra plástica da história da arte brasileira, medindo cerca de 11m X 6m, e está exposta no Museu Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro.



# Por amor ao jornalismo e à educação

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouveauroj@gmail.com

Diretor e um dos fundadores e diretor do Jornal de Campina - diário de boa circulação no compartimento da Borborema - o jornalista William Ramos Tejo gostava de usar suspensórios e paletó e não relaxava o charuto em riste, preso aos lábios. Sua trajetória tem passagem ainda pelo Jornal A União como repórter e comentarista. Também frequentava o Chopp do Alemão, em Campina Grande, onde degustava cerveja e chopp à vontade. Era professor de desenho e matemática e foi mestre de comunicação na antiga Universidade Regional do Nordeste (Urne), hoje incorporada à UEPB.

Baixinho, reagia como um gigante numa discussão política. Com um bom conhecimento intelectual e sendo ainda um leitor assíduo, essas condições o favoreciam na construção de sua coluna de política, no Jornal de Campina. Era uma coluna ansiosamente aguardada pelos leitores. Por diversos anos, também escreveu para outras colunas, intituladas 'Aqui Política' e 'Fragmentos Históricos', no Jornal da Paraíba. Ele passou pelos jornais Gazeta do Sertão e Diário da Borborema. Tejo fundou ainda o jornal A Palavra, em Pernambuco.

William Tejo sempre atuou como repórter ou comentarista político no Jornal A União, na década de 1940, e no Correio da Paraíba, ambos em João Pessoa. O também jornalista Tejo Filho afirmou que seu pai deixou um grande legado para o jornalismo paraibano, que foi a independência. "Ele não gostava de 'freios', daí admitir publicamente em seus artigos que não escrevia por encomenda nem a soldo de ninguém. Aqui em Campina e em João Pessoa, todos admiravam a sua coragem de escrever sobre o que muitos nem ousavam", lembrou.

## Polêmico e destemido

Em 1939, Tejo vislumbrava o desenvolvimento de Campina Grande, com seu florescente comércio de algodão e população aproximada de 40 mil habitantes. Neste ano, foi inaugurado o Sistema de Abastecimento de Água. O professor William demonstrou sua proverbial irreverência em entrevista a Ronaldo Dinoá. Dono de memória privilegiada, geralmente, saía na frente com perguntas inquiridoras e respostas admiráveis.

O historiador, professor e escritor o José Edmilson Rodrigues registrou em seu blog 'Retalhos Históricos de Campina Grande' essa entrevista concedida por William Tejo ao jornalista Ronaldo Dinoá, falecido em 2007, que a registrou em seu livro 'Memórias de Campina Grande'. Nessas conversas informais, Tejo dizia: "Sempre gostei de escrever. Mania ou tendência natural é o que não sei. Basta dizer que, nas festas de fim de ano, eu e meu irmão Antonio editávamos na tipografia de Júlio Costa um jornal de festa [chamado] 'Veneno'. O título dizia tudo e por causa desse jornal de pilhérias ferinas, em plena época da ditadura getuliana, vez por outra, o delegado mandava nos chamar, mas tudo terminava em nada. Fazer jornal de festa a gente podia, todavia a censura era feita, antes da publicação, na delegacia de polícia, que ficava na Rua Quatro de Outubro".

## Matérias e fatos marcantes

Ainda de acordo com o professor José Edmilson Rodrigues, o jornalista Ronaldo Dinoá registra o depoimento de William Tejo também sobre seu jornal que circulava em Pernambuco. "Bem jovem, ainda em Belo Jardim (PE), tínhamos um jornal, 'A Vontade', fundado, em agosto de 1952, por mim, Virgínius da Gama e Melo e Manuel Figueiredo, graças à colaboração de udenistas. O jornal era político e muito brabo. Mesmo assim, quando ele passou inteiramente para as minhas mãos ainda durou uns três anos. Fechou por falta de meios e por outras faltas, entre elas apoio dos políticos de proa da UDN. Eu fiquei no mato sem cachorro".

Outra característica marcante de William Tejo é que ele era pragmático e contundente. As publicações dos jornais que administrava ou trabalhava registravam fatos e acontecimentos ocorridos em sua época sem demonstrar sinais de receio ou medo. Certa vez, ele falou sobre isso com Ronaldo Dinoá, que também registrou a conversa em livro. "Politicamente o acontecimento que não só abalou Campina Grande como



Foto: Arquivo de Ronaldo Dinoá

William Tejo sempre buscou fazer um jornalismo com maior independência política possível, mesmo que para isso tivesse que causar polêmicas

todo o Estado da Paraíba, tendo reflexo no Congresso Nacional, foi assassinato de Félix Araújo, vereador e amigo do então deputado federal Elpidio de Almeida, que havia rompido com o prefeito Plínio Lemos. Félix andou por João Pessoa para publicar o seu 'Acuso' contra o governo de José Américo. Nenhum jornal da Capital quis publicá-lo. Eu disse a Félix que garantia a publicação no Jornal de Campina, o que foi um estrondo. Daí por diante a luta foi violenta com desaforos de parte a parte".

Janot Pacheco era um homem que fazia chover. Estudara o efeito químico de alguns ingredientes sobre a atmosfera. E William Tejo conseguiu também entrevista-lo em A Gazeta, havendo grande repercussão em Campina Grande e no compartimento inteiro da Borborema. Ele confessou isto ao jornalista Dinoá, que escreveu parte de suas memórias. "Veio a convite do comerciante Ottoni Barreto que o financiou. Realmente, algumas fortes chuvas caíram nesta cidade, dando para encher o Açude Velho. O povo, a gente dos bairros, por pura superstição, não utilizava daquela água, dizendo que "era coisa de satanás"

## Professor da antiga Faculdade Regional

O jornalista William Tejo foi convidado para ensinar nos colégios Pio XI e Alfredo Dantas. Também chegou a lecionar no Colégio das Damas e na Escola Técnica de Comércio, que pertencia à Prefeitura Municipal de Campina Grande. Mas sua carreira docente foi bem além. Sua trajetória no ensino atingiu o ponto alto quando se tornou professor de Jornalismo da antiga Faculdade Regional do Nordeste (Furne), por cinco anos, hoje incorporada ao complexo educacional superior da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Durante sua docência, Tejo assumiu a função de diretor do Colégio Anita Cabral, que funcionava no prédio onde hoje é a Faculdade de Direito da UEPB. Ele também dirigiu o Colégio Estadual da Prata.

Quando diretor do Colégio Estadual da Prata, um episódio inusitado aconteceu. Ele desconfiou de um fato estranho que, duas vezes por semana, à noite, fazia faltar energia durante suas aulas. Intrigado, comprovou que um aluno introduzia pequena moeda no medidor de luz, para cortar a energia do colégio. E quem era este aluno? Era Ney Suassuna, que fazia a traquinagem para juntar público na luta de boxe que gostava de realizar. Sugeriram ao professor uma expulsão. William suspendeu Ney por alguns dias.

**Passagem por partidos**  
O jornalista William Tejo não

conseguiu se eleger vereador de Campina Grande em 1947, ao candidatar-se pelo Partido Socialista Brasileiro. Como não gostava de ser dominado por freios, deu adeus ao PSB e foi atuar na UDN, onde sempre dizia "estou muito bem". Após fazer uma profunda reflexão política, voltou atrás e saiu da UDN, terminando seus dias sem filiar-se a nenhum outro partido político. Querida, como objetivo principal em sua vida, escrever com independência. Seu espírito polêmico o levava a ser do contra em tudo, contestando a todos que discordassem dele em suas convicções. De caráter irônico, sempre dizia:

Foto: Reprodução/Paraina Criativa/UEPB



O jornalista lecionou em vários colégios de Campina Grande e chegou a ser professor de curso superior

"arranjei alguns inimigos, mas fiz centenas de amigos. Política é arte de escrever que parece ser boa e, embora não dê dinheiro, faz a gente vivenciar muito gosto e alegria".

## Gestor Municipal

Seu jeito teimoso de viver despertou a simpatia do advogado William Arruda (outro teimoso), que o nomeou secretário da Educação e Cultura, durante seu mandato de prefeito, em Campina Grande.

Ao longo de sua trajetória profissional, ainda foi membro da Academia de Letras de Campina Grande, além de idealizador do Museu Histórico de Campina Grande, um órgão histórico-cultural da Prefeitura, cujo intuito era catalogar, classificar, conservar, expor e divulgar acervos de reconhecido valor para a Paraíba. O Museu foi inaugurado em 28 de janeiro de 1983, na administração do prefeito Enivaldo Ribeiro.

## História hilária

Outro episódio hilário ocorrido com o jornalista foi quando resolveu fazer exames de rotina e o médico percebeu que ele fumava charuto, recomendando-o cortar a quantidade ao meio. "Cortei os charutos ao meio com uma tesourinha e acho que resolvi o problema", relatou Tejo. Essa foi a resposta dada por ele ao médico no retorno da consulta.

## NASCIMENTO, VIDA E MORTE

Um jornalista filho de um juiz e uma professora, que por necessidade da profissão do pai, morou em muitas cidades. William Tejo nasceu em São João do Cariri, a 213 km de João Pessoa, em 26 de dezembro de 1919. Morreu em Campina Grande, no dia 17 de novembro de 2000, aos 81 anos de idade.

Seu pai era João Jorge Pereira Tejo. A mãe se chamava Alice Ramos Tejo. William se casou em 22 de julho de 1950, com Maria Clélia Di Pace Tejo e juntos tiveram cinco filhos (Cristina, João Jorge, Gustavo, Wilma e William Filho).

Aos três anos de idade, passou a morar em Taquaratinga (PE), cidade que hoje é chamada Taquaratinga do Norte. Depois, foi para as cidades pernambucanas de Caruaru e Belo Jardim. Nessa última, concluiu o primário. Em seguida, fez o Curso de Admissão ao Ginásio, no Colégio Americano Batista (Recife-PE), onde permaneceu durante parte do curso ginásial. Para terminar o restante dessa etapa de estudos, ele passaria ainda pelo Colégio Dr. Luis Pessoa, em Caruaru, e Pio XI, em Campina Grande (PB).

Trabalhou no Banco Auxiliar da Indústria, em Campina Grande, cujo fundador foi o empresário Newton Rique. Enquanto prosseguia seus estudos, dava aulas de matemática. Ao deixar o banco, foi para Natal (RN), terminando no Colégio Atheneu o curso científico. Tejo voltaria depois para Campina Grande, em 1946.

Segundo o blog 'Vertente-Pernambuco', o escritor Martinho Dinoá registrou em seu livro que William Tejo teria começado sua graduação na Universidade Católica de Pernambuco, no curso de matemática. Em seguida, teria pedido transferência para a Universidade Federal da Paraíba, na qual estudou até o terceiro ano do curso, mas teve abandonado um ano antes da formatura. O filho do jornalista (o também jornalista William Tejo Filho) confirmou que o pai de fato se formou em Filosofia, mas pela antiga Faculdade Estadual do Recife, no início da década de 1940.

## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

## GloboNews x CNN Brasil: quem ganha?

A CNN Brasil estreou em 15 de março de 2020. Em meio a conflitos na política brasileira, dificuldades econômicas e uma crise de saúde gerada pela pandemia de covid-19. Cenário ruim, é fato, mas um bom momento para mostrar serviço ao telespectador.

A GloboNews chegou vários anos antes: 1996. Nessa época, o Brasil contava com apenas 1,6 milhão de telefones celulares, analógicos e caros; a internet ainda engatinhava por aqui; fazia dois anos que o país trocava sua moeda, do Cruzeiro Real para o Real, e o clima era de otimismo na economia; a informatização dava seus primeiros passos nas redações; e eu ainda estava cursando minha graduação em Comunicação Social - Jornalismo.

Entre 1996 e 2020, quase 25 anos se passaram. Temos um novo mundo na comunicação com a transformação digital. As facilidades tecnológicas contribuem para o fazer jornalístico de quem se dispõe a informar o telespectador sob o modelo de 24

horas de notícias. A chamada audiência (nós do lado de cá da telinha) também é outra.

Agora, o público acompanha as notícias da TV, seja em canal aberto, seja em canal por assinatura, com grande versatilidade: é telespectador e produtor de conteúdo. Interação com jornalistas, envia comentários, fotos e vídeos pelas redes sociais. Elogia e dá bronca, se necessário. E também muda de canal com a maior facilidade, zapeando entre a CNN Brasil e a GloboNews com a maior desenvoltura.

A GloboNews nasceu como o primeiro canal brasileiro de notícias e sob a chancela da Rede Globo (como o próprio nome mostra). O que não é pouco. Já a CNN, mãe da CNN Brasil, foi o primeiro canal de televisão do mundo a funcionar como agência de notícias. Por questões que o destino define e o mundo dos negócios propicia, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, então homem forte da Globo, participou da inauguração da CNN, em 1980, nos Estados Unidos.

Na época, Boni visitou as instala-



ções da emissora norte-americana acompanhado de Ted Turner, o dono da empresa. Quando a Globo News foi ao ar, a CNN já tinha reconhecimento mundial, sendo modelo de referência para a criação do canal com 24 horas de jornalismo da rede brasileira.

Voltamos a 2020, e o cenário é novo. CNN Brasil e GloboNews disputam atenção do telespectador. Por estar em isolamento social e trabalhando de casa, eu pude acompanhar melhor a performance das duas emissoras nos últimos meses. Revelo de antemão. Não sou de todo imparcial, pois a Globo News sempre fez parte da minha lista de canais preferidos. Vício de jornalista que se acostuma a trabalhar acompanhando o noticiário.

Talvez por já estar acostumada com a GloboNews, ainda não me habituei ao padrão da CNN Brasil. Acho o estilo da emissora chapado, sem graça e com pouco dinamismo na bancada. Também não gosto

do cenário. Mas ainda não desisti de ligar a TV no número 577, até mesmo para verificar como os temas são abordados e se há agilidade na apuração dos fatos — e há! A prova é que a CNN já conseguiu "furar" a GloboNews algumas vezes. Como foi na obtenção do depoimento do ex-ministro da Justiça Sérgio Moro à Polícia Federal, o qual foi ao ar 15 minutos antes do canal global.

Enquanto a briga pelas notícias avança, o embate pela atenção dos telespectadores também, mas a GloboNews segue com folga na liderança. Desde a estreia da CNN Brasil, o canal de notícias da Globo não foi superado nenhuma vez pela concorrência e ainda ampliou sua audiência. Para isso, investiu mais em factuais e passou a transmitir cerca de 20 horas de jornalismo ao vivo, segundo informações da coluna "Na telinha", do UOL.

Mesmo sem aparecer no ranking das 20 maiores audiências da TV paga, a CNN Brasil comemora seus números. Um deles indica que 79% de seus telespectadores pertencem ao público AB, o que é bem interessante para os planos do canal que visa a "fidelizar um perfil de audiência qualificada", nas palavras de Douglas Tavolaro, CEO do canal de notícias. Enquanto esse duelo por jornalismo de qualidade perdurar, nós, telespectadores, sairemos ganhando. Que venham mais furos por aí!

## Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

## Alcides Gonçalves, parceiro desconhecido de Lupicínio Rodrigues

Há uma tradição no mercado fonográfico nacional que parece inclinada, propositalmente, a não deixar o público conhecer os nomes dos autores e parceiros da Música Popular Brasileira. Esse desconhecimento pode ser atribuído aos comunicadores ou às gravadoras e, em outras vezes, até ao autor ou o público que, levados pela negligência, não repararam nas assinaturas dos discos que ouvem e compram, obviamente deixando o maior prestígio das composições famosas para o intérprete.

Às vezes isto ocorre de maneira intencional; outras, não. Conheço centenas de autores que em suas canções tem parceiros, e estes são completamente relegados ao esquecimento também dos fãs. Sempre surgem "esses" lapsos quando a obra musical é atribuída apenas ao cantor, ficando o nome do letrista ou compositor sem sequer constar nas capas dos discos, CDs e similares. O fã leigo, paralelamente, comete o gravíssimo erro de dizer "aquela é a música de Ângela Maria" ou outro intérprete, olvidando o nome do compositor, ou, simplesmente, não se interessando em sabe-lo.

Neste repertório de "pseudo-compositores" - leia-se cantores a quem lhe atribuem este título indevidamente - podemos citar o grande Orlando Silva, o cantor das multitudes; Caubi Peixoto e cantoras do porte de Ângela Maria, Dalva de Oliveira e a própria Elis Regina, que apesar de excelentes intérpretes, nunca criaram composição

nenhuma. Suas vozes maviosas de bipedes seriais, deixavam os fãs tão fascinados que, o que cantavam, lhes era atribuído a autoria na totalidade. E, para mostrar compositores injustiçados, cujos nomes quase não constaram ao lado dos cantores que interpretavam suas músicas, podemos falar em Alcides Gonçalves, cantor e compositor, nascido em Porto Alegre (RS), em 1 de outubro de 1908 e falecido na mesma cidade, em 9 de janeiro de 1987. Contemporâneo do mestre Lupicínio Rodrigues, compôs vários sucessos com este brilhante parceiro, um dos maiores compositores brasileiros, sem dúvida um imortal. O público ingrato, ao se referir a estas músicas, só falava assim: "é aquela música de Lupicínio?".

Alcides Gonçalves iniciou sua carreira na Rádio Farrroupilha (Porto Alegre -RS). Em 1935, venceu o concurso promovido pela Prefeitura de Porto Alegre, em comemoração aos 100 anos da famosa Revolução Farrroupilha, com o samba "Triste História", em parceria com Lupicínio. Essa foi sua primeira composição gravada, em 1936, por Lupicínio, que trazia, no outro lado do disco, outra música da dupla, "Pergunte aos Meus Tamancos".

Em 1939, Alcides já atuava como músico na Rádio Nacional (RJ). Em 1942, compôs com Ataulfo Alves o samba "Chorar pra quê?", gravado com sucesso pelo parceiro e sua "Academia", na Odeon. Trabalhou

na orquestra de Simon Bountman, com Radamés Gnattali, atuando em shows do Copacabana Palace Hotel. Integrou vários conjuntos e orquestras da época. Em 1948, compôs com Lupicínio Rodrigues o samba "Quem há de Dizer", gravado por Francisco Alves, na Odeon.

No ano seguinte, compôs, com o parceiro, o samba "Cadeira Vazia", lançado em 1950 por Francisco Alves, na Odeon. Mas seu nome não apareceu no selo do disco. Este incidente foi motivo para uma briga entre os dois parceiros. Ainda em 1950, Francisco Alves gravou seu grande sucesso, em parceria com Lupicínio, o samba "Maria Rosa". Em 1952, compôs a valsa "Jardim da saudade", também com Lupicínio, lançada por Gilberto Milfont na RCA Victor.

Além de compositor e instrumentista, atuou como cantor, em temporada na Rádio El Mundo (Buenos Aires, Argentina). Em 1977, dentro da "Série Destaque", a gravadora Continental lançou o LP "Cadeira Vazia"; na "Série Destaque nº 7", interpretando os sambas-canção "Cadeira Vazia", "Pergunte aos Meus Tamancos", "Quem há de dizer", "Castigo" e "Maria Rosa", todas com Lupicínio Rodrigues; "Divisão" e "Se ela Soubesse" com Leduvy de Pina; "Samba Cinquentão" e "Adolescente", com Flavio P. Soares; "Mendigos", com Giro Galvão; além de "Minha Seresta" e "Cachimbo da paz" somente de sua autoria.

Alcides Gonçalves era um excelente cantor, boêmio e um violinista fora do comum. Mas, por ser boêmio em exagero e se restreio de carteirinha, nunca se preocupou em divulgar sua obra, ali incluindo as composições próprias e as de parceria com Lu-

picínio Rodrigues. Chegou a compor mais de cinquenta canções, dentre elas, sambas e marchas com diversos parceiros, como Ataulfo Alves, Pedro Caetano e outros. A sua participação nas composições feitas em parceria com Lupicínio Rodrigues tornou-se bastante conhecidas, pois, como violonista foi um dos maiores responsáveis pela projeção do compositor gaúcho.

As canções realizadas em parceria com o torcedor do Grêmio, são antológicas e atravessaram o tempo. Também se tornaram clássicos do samba-canção do Brasil, com gravações dos mais importantes cantoras e cantores do país. Os exemplos são: "Quem há de Dizer", de 1948; "Cadeira Vazia", de 1950; "Jardim da Saudade", de 1952; "Maria Rosa", de 1951; "Pergunte aos Meus Tamancos", de 1936. Salta aos olhos a participação de Alcides Gonçalves, nas mais belas composições de Lupicínio Rodrigues: as maviosas melodias de Alcides, encaixavam como uma luva nas letras do gênio gaúcho.

Num esforço hercúleo, tentando resgatar a obra de Alcides Gonçalves, o pesquisador paulista J. L. Ferrete produziu o antológico LP "Cadeira Vazia", da série "Destaque Continental". E, em 1982, seu parceiro Flavio Pinto Soares, editou mil cópias do LP "Pra Ela", que teve a participação da OSPA - Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. O subscritor do presente artigo é um felizardo, já que possuí, na sua coleção, este formidável LP, indiscutivelmente, um marco na memória deste grande e esquecido compositor dos Pampas, que foi Alcides Gonçalves.



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante, em João Pessoa, e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses  
chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Jonathan Borba

# Consultoria de Chef Executivo!

**C**hef executivo consultor, de uma forma ampla, é o fornecimento de determinada prestação de serviço, em geral por profissional qualificado e conhecedor do tema. O serviço de consultoria oferecido ao cliente acontece por meio de diagnósticos e processos e tem o propósito de levantar as necessidades do cliente, identificar soluções e recomendar ações. De posse dessas informações, o consultor desenvolve, implanta e viabiliza o projeto de acordo com a necessidade específica de cada cliente.

Fazendo uma comparação bastante simples, um consultor é como um "médico". Quem quer prevenir doenças e garantir uma vida saudável costuma procurar um médico. E quem quer evitar ou já tem problemas, procura um consultor para que os problemas não se agravem mais.

Não necessariamente o consultor atende somente as empresas, pessoas que têm problemas, porque a maioria das pessoas não tem autodisciplina para controlar e planejar suas próprias finanças. Isso também acontece muito nas micro, médias e grandes empresas do ramo da gastronomia.

Um consultor o ajudará na organização e na tomada de decisões, no estabelecimento.

Precisa-se de planejamento, dedicação e acima de tudo estudo de como agradar ao cliente com preços bons na qualidade do ambiente, promoções e produtos para todo o público. A concorrência é grande, mas há espaço para todos nos negócios gastronômicos.

Também é preciso treinar bem os funcionários e deixá-los cientes da necessidade e da importância deles na empresa, caso contrário todo o trabalho pode ser perdido, e que eles entendam que a empresa é uma parceria, todos dependem um do outro e que todos são importantes.

Quanto à cozinha, ela deve estar preparada para um grande fluxo de pessoas, o que acontece em horários de pico e horários promocionais. O fluxo de clientes também dobra em datas festivas. Por isso deve-se levar em consideração a contratação de mais funcionários temporários para estes períodos, pois o cliente não está para esperar, além de toda a parte de almoxarifado, controle e estoque de alimentos e bebidas...

Nesta fase pela qual estamos passando de pandemia, e muito próximo das reaberturas "o

novo normal", é muito importante fazer um reajuste do negócio com o qual está trabalhando na área de gastronomia, buscando um chef executivo consultor para saber a real necessidade de mudanças e finanças que está sendo aplicada. E para isso existem várias formas e valores a serem acordados.

Acredito que nenhum lugar na área de gastronomia poderá reabrir antes de ser feito uma pré-avaliação no estabelecimento para rever todos os meios que eram trabalhados antes da pandemia, pós pandemia e na reabertura do novo normal que será um período tão difícil quanto na pandemia. A escolha de um profissional neste momento será de suma importância.



## QUENTINHAS

- O Pão de Açúcar lança nesta semana o projeto "Incentive uma Microcervejaria". O objetivo é apoiar os pequenos produtores brasileiros da bebida, que estão inseridos dentro de um dos setores mais afetados pela pandemia da covid-19. Do lado da produção, o Pão de Açúcar triplicou a quantidade de produtos comprados das microcervejarias selecionadas em relação ao volume habitual adquirido pela rede, com a antecipação dos pedidos de mais de 200 mil garrafas para as gôndolas. Já na ponta do consumo, uma campanha será iniciada para ressaltar as histórias desses pequenos produtores e potencializar a visibilidade de seus rótulos aos clientes. Essa campanha vai até o dia 15/07, vamos abraçar essa causa.

- Por falar em bebidas alcoólicas, vamos lembrar das cachaças de nossa terra, pois muitas delas fizeram doações no começo da pandemia de álcool em gel. Em plena falta do produto muitas destilarias se uniram e fizeram doações aos hospitais em momento de maior falta do produto. A eles o agradecimento deste colunista e com certeza de toda população de cada local.

- A VerdNova Hortifruti vem a cada dia ganhando o espaço nas residências de famílias, com delivery de frutas, verduras e legumes de primeira qualidade. Fazendo entrega em horários agendados para toda João Pessoa, tanto em casas, quanto em empresas que necessitem de seus produtos. Sua conta no Instagram @verdnova e contato: 98880-6659

- A dupla de sucesso nos deliveries no segmento de lanches de João Pessoa, Carlos Jr Lanches e Sanduba do Careca, tem o mesmo target, porém, cada um deles tem seu cardápio variado e surpreendente em suas qualidades. São lanches especiais e de sabores característicos de cada um deles. Além de terem um trabalho social juntos de levarem comida aos mais necessitados de rua, juntamente com mais outras empresas, isso faz toda diferença ao meu ver nesta época de pandemia. Seus perfis no Instagram @sandubadocareca.jp e @carlosjrlanches

Foto: Arquivo Pessoal

## PITADAS A GOSTO

## PRATO DO DIA

### Penne à bolonhesa

#### Ingredientes

- 400g de patinho moído
- 1 colher de sopa de óleo
- 3 colheres de sopa de manteiga
- ½ xícara de chá de cebola picada
- 1 xícara de cenoura picada miudinha
- salsa picada
- 1 xícara de chá de leite
- 1 xícara de chá de vinho branco seco
- 2 xícaras de tomate sem pele
- 1 pitada de noz-moscada ralada na hora
- 1 pitada de sal
- pimenta-do-reino moída

#### Modo de preparo

1. Numa panela média, junte o óleo, a manteiga e a cebola. Leve ao fogo médio e refogue a cebola, mexendo sempre, até que fique transparente. Adicione a cenoura e a salsa picadas e refogue por 2 minutos, mexendo sem parar.
2. Acrescente a carne moída e misture com um garfo. Tempere com sal e pimenta-do-reino e refogue,



mexendo sempre, até que a carne perca a cor rosada de crua.

3. Junte o leite e mexa até que evapore completamente. Tempere com uma pitada de noz-moscada.

4. Adicione o vinho e deixe cozinhar até secar.

5. Baixe o fogo, junte os tomates sem pele e deixe cozinhar por 45 minutos, com a

panela tampada, mexendo de vez em quando. O fogo deve estar baixíssimo, caso contrário, o molho irá grudar no fundo da panela. Se começar a secar, acrescente ½ xícara (chá) de água quente.

#### Montagem:

No final monte o prato igual a foto e regue com azeite de oliva extra virgem e queijo parmesão ralado na hora.

Molho à bolonhesa (ragù bolognese em italiano) é um molho feito com carne bovina ou suína moída, tomate e outros adicionais, tradicionalmente preparado para acompanhar massas, são o tipo mais, ou seja, macarrão fresco.

Espaguete à bolonhesa é um dos pratos carimbados em quase todas as cantinas italianas no Brasil e no mundo.

Dizem que o prato nunca teve origem na Itália tanto que o prefeito da cidade medieval fez um desabafado desafortado no Twitter. Ele postou uma foto do prato servido em um restaurante de Londres para "denunciar" a farsa que é mundialmente propagada: espaguete à bolonhesa não existe.

"Queridos cidadãos, estou coletando fotos de espaguete à bolonhesa ao redor do mundo para dizer que é fake news", brincou Virginio Merola. "Essa veio de Londres, por favor, me mande fotos de vocês. Obrigada."